UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO – PPGED

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LINCOLN LAFITTE PRADO PINHEIRO ROCHA

EDUCAÇÃO E CULTURA REGIONALIZADA: OS ASPECTOS DA HUMANIZAÇÃO PRESENTES NAS OBRAS DE ELOMAR FIGUEIRA MELLO

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2021

LINCOLN LAFITTE PRADO PINHEIRO ROCHA

EDUCAÇÃO E CULTURA REGIONALIZADA: OS ASPECTOS DA HUMANIZAÇÃO PRESENTES NAS OBRAS DE ELOMAR FIGUEIRA MELLO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação, Linguagem e Processos de Subjetivação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Artur dos Santos Cestari

Vitória da Conquista - BA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

R574e

Rocha, Lincoln Lafitte Prado Pinheiro.

Educação e cultura regionalizada: os aspectos da humanização presentes nas obras de Elomar Figueira Mello. / Lincoln Lafitte Prado Pinheiro Rocha, 2021.

107f.

Orientador (a): Dr. Luiz Artur dos Santos Cestari.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2021.

Inclui referência F. 87 – 89.

1. Cultura regionalizada - Educação. 2. Industria cultural. 3. Humanização – Músicas – Elomar Figueira Mello. I. Cestari, Luiz Artur dos Santos. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação. T. III.

CDD: 306.98142

Catalogação na fonte: ***Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890***

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

EDUCAÇÃO E CULTURA REGIONALIZADA: OS ASPECTOS DA HUMANIZAÇÃO PRESENTES NAS OBRAS DE ELOMAR FIGUEIRA MELLO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: ____/____/____

Prof. Dr. Luiz Artur dos Santos Cestari (UESB)
(Orientador)

Assinatura: _____

Prof. Dr. Anderson de Carvalho Pereira (UESB)
(Examinador Interno)

Assinatura:_____

Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi (UFBA)
(Examinador Externo)

Assinatura:_____

AGRADECIMENTOS

Agradecer e expressar gratidão
A quem me ensinou a ler
E a perceber com profundidade,
As letras e as canções...
Que contam as histórias
Do meu povo.
Lá... à três léguas do Pancadão
É o lugar onde tudo começa
O sertão e a minha educação.

Lincoln Lafitte, 08 de janeiro, 2021.

...” Já passei pur tantas prova
Inda tem prova a infrentá
Vô cantando mias trova
Qui ajuntei no camiá
Lá no céu vejo a lua nova
Cumpaia do istradá” ...

Cantiga do estrada, Elomar, 1983.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....**10**

1. DELINEMANETO TEÓRICO – O SERTÃO EM MIM: A CANTIGA DO BOI ENCANTADO, DE BRUMADO AO PANCADÃO.....**12**

1.1 ARTE, MÚSICA, CULTURA REGIONALIZADA **14**

1.2 A FUNÇÃO CULTURAL E EDUCATIVA DA ESCOLA.....**17**

1.3 INDÚSTRIA CULTURAL E FORMAÇÃO HUMANA.....**22**

2. O PERCURSO METODOLÓGICO: A ESTRUTURA DE UMA HISTÓRIA.....**29**

2.1 O PRIMEIRO CANTO: A QUALIDADE DA EXPERIÊNCIA VIVIDA.....**31**

2.2 O SEGUNDO CANTO: CULTURA REGIONALIZADA E RESISTÊNCIAS DISPARADAS NO CONTEXTO DA PESQUISA-AÇÃO.....**33**

3. RESULTADO: A FUNÇÃO.....**35**

3.1 CANTORIA 1: PROJETO VOZES DO SERTÃO.....**36**

3.2 CANTORIA 2: EVOCAÇÃO DE SENTIMENTOS.....**38**

3.3 CANTORIA 3: QUESTIONÁRIOS E A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....**39**

3.3.1 O SERTÃO: MEMÓRIA E ORALIDADE.....**41**

3.3.2 DOS CONFINS DO SERTÃO: O VIOLEIRO ELOMAR E OS ASPECTOS DA HUMANIZAÇÃO PRESENTES NAS OBRAS.....**44**

3.3.3 QUESTIONANDO OS MALUNGOS.....**65**

4. CONSIDERAÇÕES: AMARRAÇÃO.....**82**

4.1 PEDAGOGIA SERTANEZA.....**84**

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....**85**

6. APÊNDICE.....**88**

6.1 QUESTIONÁRIO 1.....**88**

6.2 QUESTIONÁRIO 2.....**94**

7. ANEXO.....**96**

7.1 DISCOGRAFIA DO CAVALEIRO ELOMAR.....**96**
7.2 IMAGENS CATINGUEIRAS.....**98**
7.3 DONA BÉ: SERTÃO E MEMÓRIA.....**105**

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apresentar os aspectos da humanização presentes em obras de Elomar Figueira Mello, de Vitória da Conquista – BA, e identificar quais as implicações formativas disso para os jovens estudantes do ensino médio. Para este objetivo, selecionamos dez canções de seu CANCIONEIRO (cujo total é de 49 canções), a fim de produzir experiências com as músicas relacionadas aos temas sobre humanização e analisar se isto exerceu algum tipo de influência formativa. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, por meio da pesquisa-ação, cuja a técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada, que possibilitou:1) Conhecer a história de vida dos alunos, identificando através das suas memórias mais antigas o repertório cultural familiar; (2) Perceber se os jovens identificam nas criações da indústria cultural, os elementos que influenciam os sentidos, a sua existência, e a sua relação com o mundo; (3) Identificar se a aproximação dos jovens com a cultura regionalizada pode educar no sentido de humanizar os sujeitos. O nosso campo de pesquisa – Colégio Paulo VI – situa-se no município de Vitória da Conquista – BA, onde tem sido desenvolvido um projeto pessoal intitulado Vozes do Sertão, tendo como público-alvo a turma do 2º ano do ensino médio. Motivado, por essa experiência, fizemos deste projeto escolar uma oportunidade de aproximar os jovens às suas raízes culturais, permitindo o resgate, o reconhecimento e o valor de uma cultura regional que está viva e que, para além de tudo, educa o ser humano.

Palavras-chave: Humanização; Indústria Cultural; Educação; Cultura Regionalizada; Elomar Figueira Mello.

ABSTRACT

The objective of this research is to present the aspects of humanization which can be found in works performed by Elomar Figueira Mello, from Vitória da Conquista - BA, and to identify the formative implications of this for young high school students. For this purpose, we selected ten songs from his CANCIONEIRO (whose total is 49 songs), in order to produce experiences with the music related to the themes of humanization and to analyze if this had any type of formative influence. For this, we developed a qualitative research, through action research, whose data collection technique used was the semi-structured interview, which made it possible to: 1) Know the students' life history, identifying through their oldest memories the repertoire family culture; (2) Understand whether young people identify in the creations of the cultural industry, the elements that influence the senses, their existence, and their relationship with the world; (3) Identify whether the approach of young people to the regionalized culture can educate in order to humanize the subjects. Our research field - Colégio Paulo VI - is located in the municipality of Vitória da Conquista - BA, where a personal project called Vozes do Sertão has been developed, targeting the 2nd year high school class. Motivated by this experience, we made this school project an opportunity to bring young people closer to their cultural roots, allowing the rescue, recognition and value of a regional culture that is alive and that, above all, educates the human being.

Keywords: Humanization; Cultural Industry; Education; Regionalized Culture; Elomar Figueira Mello.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como proposta identificar os aspectos da humanização presentes nas obras de Elomar Figueira Mello, assim como responder como a sua arte educa no sentindo de humanizar os sujeitos. Dessa forma, analisaremos alguns temas da obra de Elomar relacionados ao humanismo, presente numa expressão da cultura regional.

Para tanto, torna-se imperioso analisarmos o que é a ideia da humanização e como ela é recepcionada pelos jovens, assim como a noção que eles têm sobre a ideia de cultura regionalizada no campo da educação.

Isto posto, levando em conta as obras de Elomar Figueira Mello que trazem em seu repertório as práticas, as normas, os costumes e os saberes coletivos transmitidos socialmente de uma geração à outra, com valores capazes de levar reflexão ao indivíduo, serão mapeados os elementos de humanização, assim como os valores educativos por meio dos registros musicais e simbólicos desse artista.

Elomar é um compositor, cantor e violinista muito conhecido da região sudoeste da Bahia. De formação cultural e musical que alcança múltiplas experiências e tradições musicais, tanto regional e rural, sua obra traduz e reverencia os valores do povo sertanês. Sendo assim, mergulhamos na imensidão de sua obra para apresentar aos jovens as histórias do povo humilde do sertão.

Entendemos que a recepção cultural da música, dentro da sociedade contemporânea, como arte massificada e produto técnico e objetivo, a serviço do capitalismo, convertendo-se em mercadoria, tem cada vez instrumentalizado o sujeito em diferentes campos e configurações (social e educacional), de modo que a cultura regional se encontra inserida nessa conjuntura. Essas premissas levam à reflexão sobre os elementos culturais regionais e como o capitalismo corrompe a singularidade dos lugares e controla os padrões de comportamento, fazendo sucumbir os valores locais e tradicionais.

Nesse sentido, analisamos que as relações sociais construídas pelo capitalismo buscam se manter por meio de múltiplas facetas de dominação; através de ideologias exercem o seu poder, impostos repressivamente, massacrando a capacidade do indivíduo de sentir e apreciar o tempo, a arte e o belo.

Assim, por entender que a escola é um lugar onde edificamos as nossas relações sociais, compreendendo que conceitos, hábitos e valores são imprescindíveis para a

formação cultural de cidadãos reflexivos, nos propomos a dissertar sobre cultura regionalizada, valores educativos, humanização dos sujeitos, vivencias refletidas, entre outros elementos que certamente são relevantes para o cenário educacional conquistense, bem como para a construção de uma noção de aproximação entre os jovens e a experiência educativa com o povo sertanês[1].

Desta forma, realizaremos na escola uma pesquisa-ação a fim de produzir experiências com as músicas e a sua relação com temas sobre humanização e analisar se isso exerceu algum tipo de influência formativa.

De fato, identificar nas escolas os hábitos e valores da cultura regionalizada, diante dos efeitos da mercantilização cultural que instrumentaliza o sujeito, e constitui padrões de comportamento capazes de transformar a interioridade humana, torna-se imprescindível avaliar sobre as necessidades e os desafios de como educar e humanizar os sujeitos por meio dos valores educativos da cultura regional. Assim, a nossa questão de pesquisa orbita em torno dos seguintes pontos: Como a arte de Elomar Figueira Mello educa no sentido de humanizar os sujeitos? Quais as implicações formativas disso para jovens estudantes do ensino médio?

Orientado por essas questões, analisaremos na arte elomariana os aspectos educacionais capazes de educar no sentindo de humanizar os sujeitos. Concomitante, essa pesquisa também objetiva: identificar na obra de Elomar os aspectos da humanização contribuintes para a formação humana; desenvolver uma ação com jovens do ensino médio que propicie a experiência com elementos da cultura regional presentes na obra de Elomar; apontar aspectos formativos de uma cultura regionalizada e resistências disparadas no contexto da pesquisa.

É norteado por esses objetivos que acreditamos que o contato com a cultura faz com que o jovem aprenda o valor em respeitar o outro, as regras de convivência social, por configurar-se como um meio de manifestação de atuação social consciente, sensível, responsável e crítica.

---

[1] Optamos pelo termo sertanês uma vez que ele, de acordo com Ribeiro (2014, p. 194), afirma que Elomar evita o uso do vocábulo “sertanejo” por acreditar que este termo é propagado pela mídia por meio de uma ideia de “habitante urbano do estilo *cowboy* com indumentária texana”, resultando, dessa forma, na concepção da música sertaneja como um mero produto da “indústria cultural” estereotipado.

1. DELINEAMENTO TEÓRICO – O Sertão em mim: a Cantiga do boi encantado, de Brumado ao Pancadão.

Compartilharemos neste capítulo um trecho da minha vida, das passagens e dos lugares por onde andei.

Cantiga do boi encantado é uma composição de Elomar, do álbum Cantoria 1 (1984). Nessa música, como em todos os seus trabalhos, o cancioneiro explora o "dialeto *sertanezo*[2]", assim o faz para registrar com autenticidade a fala do povo sertanês.

> Sua palavra transita pela oralidade própria aos habitantes do sertão e por um português atravessado por notas medievais. Essa palavra, falada e escrita, se constitui como uma liga mediadora entre o fora e o dentro, o alto e o baixo, compondo territórios vivos da linguagem em espaços de tensão, mas não excludentes. Linguagem essa que também recompõe memórias: ao falar e cantar o sertanezo[2], entra-se em contato com tradições, histórias, contratos sociais e afetivos. A palavra de Elomar nunca é imune à paisagem que a cerca, mas veicula jogos, ritos, danças e as narratividades possíveis a esse sertão ambiguamente concreto e inventado. (Copyright ITAU CULTURAL, 2016).

A linguagem é a transmissão de emoções e sentimentos, e a música elomariana é o contato mais afetuoso que tenho com o sertão e com o meu povo. A minha família é de Ibiassucê, município do estado da Bahia, conhecido e reconhecido como a Capital da Amizade, com uma população de aproximadamente 10 mil habitantes, a maioria cristã, devota do padroeiro da cidade, São Sebastião. E é nessa cidade da caatinga, próxima ao famoso rio Jacaré, abençoada pelo santo martirizado, que começo a descrever a minha história, inspirado por uma sábia senhora, a minha bisavó Isabel Prado, Dona Bé. Mulher *sertaneza*, forte e participativa na vida da comunidade tornou-se personagem importante da cidade de Ibiassucê e que me ajudou a perceber, desde criança, que o povo sertanês educa.

Recomponho as minhas memórias atravessando esse sertão, concreto e imaginário, entre uma paisagem e outra, o campo branco, Brumado e o Pancadão. Da cantiga do boi encantado me lembro dos lugares por onde passei, do trevo do Pancadão até Ibiassucê são 3 léguas de saudade de uma andança que um dia eu enfrentei. Por aquela estrada catingueira a imagem de um vaqueiro, com gibão de couro, me oferecendo uma

---

[2] Desde seu primeiro trabalho, Elomar explora grafias e termos próprios da língua portuguesa que copiam a fala do sertanejo, o que foi batizado pelo criador de "dialeto sertanezo".

ponga num carro de boi “peduro”, foi assim que cumpri a minha travessia. Confesso que naquele dia a magia de um sertão profundo, real, encantado, tocava em mim.

Êêêê... boi encantado e aruá
Ê boi, quem haverá de pegá
Na mia vida de vaquêro vagabundo
Já nem dô conta dos perigos que infrentei
Apois qui das nação de gado qui ai no mundo
Num tem um só boi qui num peguei

Êêêê... boi encantado e aruá
Ê boi, quem haverá de pegá
Eu vim de longe, bem prá lá daquela serra
Qui fica adonde as vista num pode alcançar
Ricumendado dos vaquêro de mia terra
Pra nessas banda eles nóis representá
Alas qui viemo in dois eu e mais ventania
o mais famado dos cavalo do lugá
Meu sabaruno rei do largo e do grotão
Vê si num isquece da premessa qui nóis feiz
Naquela quadra de terra laço e moirão
Na luz da tarde os olhos dela e meu cantá
A mais bunita *de brumado ao pancadão*
Juremo a ela viu pegá boi aruá

Êêêê... boi encantado e aruá
Ê boi, quem haverá de pegá
De indubrasil nerol' xuite guadimá
Moura junquêro pintado nuve e alvação
Junquêro giz peduro landreis e malabá
Pintado laranja rajado lubião
Boi de gabarro banana môcho armado
De curralêro ao levantado e barbatão
De todos boi qui ai no mundo já peguei
Afora lá ele qui tem parte cum cão
O tal boi bufa cum esse nunca labutei
E o incantado que distinemo a pegá

Êêêê... boi encantado e aruá
Ê boi, quem haverá de pegá.

(Cantiga do Encantado, Elomar Figueira, Cantoria 1 – 1984).

Esse lugar, Sertão, com sua cultura, histórias, geografia, suscita, frequentemente, impulsos em minha memória. A energia desse Sertão me guia na construção de imagens e discursos.

> O sertão é, em Elomar, o lugar de enunciação do canto lírico, o espaço das narrativas, a fonte de descrição da labuta cotidiana, da reflexão sobre permanências e os deslocamentos. Ele escreve entre bodes e cabras, sob a ameaça constante das onças e em meio à gente do sertão, com seus falares próprios, aos quais ele atribui dignidade literária (ESTER MARIA, 2018, p 29).

Elomar, o sertão, o povo sertanês, são dádivas que tornam a experiência nesse mundo mais bonita. Esse espaço sertânico se revela como uma cultura avessa à contaminação pelos hábitos e valores da urbanidade que revelam o nosso tempo.

Compartilho a minha história do tempo em que eu era menino, atento ao que meu tio ouvia, como Elomar e Luiz Gonzaga, e como sentia essa influência familiar que deu sensibilidade à arte de apreciar o sertão, de ouvir as histórias do meu povo e de enaltecer essa cultura regionalizada que me educa e humaniza.

1.1 Arte, música, cultura regionalizada.

Existem vários tipos de manifestação artística e cultural. Entendemos a arte como uma das formas mais poderosas de expressão humana. A arte nos permite uma ancoragem afetiva no mundo. Ela é capaz de materializar crenças, convicções e ideologias. É capaz de formar consciência e opinião, mas também é capaz de obscurecer as mentes e anular as opiniões. A arte pode libertar, emancipar, mas pode servir como instrumento de opressão e alienação. O encantador e complexo universo artístico será objeto da nossa reflexão.

Segundo Ferreira, em Corpo e Poesia:

> A arte carrega o dito e o não dito. As manifestações artísticas se expressam através do olhar além do visível. Nas dobras da linguagem, nos contornos das coisas não vistas pelo olhar comum, nas expressões que falam através do silêncio, há toda uma manifestação do visível que desnuda o invisível quando o olhar esposa e apalpa a obra de arte (FERREIRA, p.64. 2010)

Sabemos que a arte é uma possibilidade de conhecer o mundo, ela não segue o itinerário das outras modalidades de conhecimento, tais como na ciência e na filosofia, mas trata-se de um conhecimento intuitivo do real em que estamos mergulhados. Toda a multiplicidade do real pode ser objeto da arte.

> Ele (o conhecimento do mundo) também pode se dar pela intuição, pelo conhecimento imediato da forma concreta e individual, que não fala à razão, mas ao sentimento e à imaginação. E a arte é um caso privilegiado de conhecimento intuitivo de mundo, tanto para o artista que cria obras concretas e singularidades, quanto para o apreciador que se entrega a elas para penetrar-lhes o sentido (ARANHA e MARTINS, 2005, p. 373).

Garcia (2011) aponta que dizer que podemos prescindir da arte na educação do ser humano equivale a dizer que podemos renunciar às emoções e os desejos dos sentimentos de nos expressar além dos rígidos formatos da razão instituída. O valor da arte não está somente na utilidade que ela pode ter ou no fato de ser conhecimento intuitivo do real, mas no fato de ser arte e, como tal, poder, a um tempo, constituir o imaginário humano e ser constituída por ele.

> A possibilidade de uma educação substantiva, que leve em consideração todos os aspectos do humano, passa necessariamente pelo estudo, pela reflexão e pela produção artística. É importante que não nos conformemos com o real tal qual ele é, mas que possamos, de maneira autônoma, sugerir como ele poderia ser (GARCIA e CONCEIÇÃO, 2011, p. 198).

Pela arte pensamos, falamos e agimos. Os pensamentos encontram uma forma de se expressar no mundo formando ideias, conectando culturas e oportunizando etnias de serem apreciados pela sociedade no seu todo. É fato que a arte está ligada à história do homem e do mundo, aos fatores históricos e sociais, além de dialogar ao longo tempo na criação dos estilos da época que determinam a moda, acompanhando a evolução do homem, da ciência e da tecnologia.

> Desta maneira podemos dizer serem as invenções filhas das épocas em que acontecem, pois não há descoberta científica ou produção artística sem que existam condições materiais e psicológicas favoráveis ao seu aparecimento. Elas sempre se apoiam em acontecimentos anteriores, inscritos em um processo histórico. (BUORO, 2000, p. 82).

Portanto, a arte assume novos conceitos em cada momento histórico, moldando a forma do homem ver e pensar o mundo. Na visão de Fischer (1987, p.20), “A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente.” Pensar a arte nessa perspectiva aponta para uma inquietação sobre os desafios de se produzir uma arte que transforme o mundo diante dessa estrutura globalizada que governa os diferentes tipos de relações entre pessoas e culturas. Assim, é inevitável que a experiência dos jovens como apreciadores da arte não esteja comprometida. As distrações tecnológicas, como os aplicativos de dispositivos móveis, são tão convidativas quanto as investidas dos veículos de comunicação. Seduzem os jovens formando uma nova sociedade que condiciona um

novo tipo de arte, bem como um produto, a ser consumido. Nesse sentido, talvez seja a música a forma de expressão artística mais prejudicada por esses novos tempos.

Elomar, em 1973, após o lançamento do seu primeiro disco, vivenciou uma grande decepção com o mercado cultural brasileiro. A sua arte estava diante das investidas obscuras do mercado cultural, pois todos os direitos sobre a execução do disco ficaram com a gravadora. Nos atentemos ao relato:

> Roberto Santana [produtor do disco] [...] me mandou lá pra Conquista [...] chega lá num pacote de papel desse tamanho, pra eu assinar. Eu falei: "O que é isso?" [Roberto Sant'Anna:] "É os contratos..." Eu falei: "Roberto?... Bom, vou lá, saber como é que é". Então eu assinei tudo [inaudível]. E nesses contratos tem cláusulas que tem até prisão perpétua, né? [risos de todos os acompanhantes da entrevista] [inaudível] "Se não fizer isso e isso, pega dez anos de cadeia". Então, quando eu fui ver a miséria que eu assinei, eu falei: "Pô, tô frito!" [inaudível] Tinha um comparecimento meu compulsório em todas as capitais do Brasil pra lançar o disco! Eu falei: "Essa eu não vou! Não vou"" Entendeu? Aí eu comecei a tomar raiva do negócio de gravadora, foi a partir daí, dessa "compulsoriedade" da coisa. Não dá!... Arte é uma coisa, comércio é outra (MELLO, ca. 1980, 1:24:34-1:25:31).

Esta pesquisa entende que a música é um tipo de manifestação cultural e por isso tem um papel importante em nossa sociedade, uma vez que ela representa uma das artes mais acessíveis sendo consumida entre diversos tipos de cultura por indivíduos que fazem parte de distintas classes sociais. Schopenhauer (apud BARROS, 2007, p. 15) declarou que a música "procura dar figura a este mundo fantasmagórico, a se dirigir a nós de modo tão imediato, invisível e ao mesmo tempo com tanta vivacidade".

Elomar, Xangai, Luiz Gonzaga e Dominguinhos são exemplos de compositores que trazem em suas canções elementos de um sertão invisível, esquecido, profundo, vivo. O sertão que entrelaça o real e o imaginário dando ao natural um sentido poético e ao povo sertanês, imortalidade.

A obra elomariana canta o semiárido brasileiro, região historicamente castigada pela estiagem, e que em muitas vezes marca o nosso imaginário como a brasa de uma fogueira. Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga na música Asa Branca descrevem essa terra ardendo como fogueira de São João; em Vidas Secas, obra regionalista de Graciliano Ramos, o autor retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos forçada a migrar de tempos em tempos para lugares menos castigados pela seca; no quadro Retirantes, de Candido Portinari, o retrato estampa uma família de retirantes que traz a imagem da pobreza e do convívio com a sede que os força a se retirar de uma região para

outra em busca de melhores condições de vida. Em todas essas obras há dor e partida, mas, para além disso, elementos de humanização.

Embora esta pesquisa proponha investigar a importância e influência da composição das letras e não dos aspectos melódicos da música, partimos do pressuposto de que o indivíduo aprecia a música levando em conta todos os seus aspectos constituintes. Nesse sentido, acreditamos que as letras devem ser trabalhadas e analisadas na educação sob um viés poético, uma vez que a composição revela a experiência sensível, educativa e humana.

Dessa forma, aproximamos os alunos ao estudo das composições elomariana, essas "vão além de uma métrica, que às vezes a música clássica espera" (REZENDE, 2011, p. 32), pois elas colocam os apreciadores em "profunda sintonia com a natureza, com o cantar dos pássaros, com o homem sertanês, com o aboio dos vaqueiros, com a humildade" (REZENDE, 2011, p. 32). Ou seja, as raízes da cultura local dos alunos são representadas e, acima de tudo, valorizadas pelas letras do cantor e compositor sertanês.

Assim, é objetivo desta pesquisa atribuir o devido valor e significado de identidade a uma cultura regionalizada que é nossa e merece ser apreciada. A noção de sertão fornece identidade, pois segundo Ester Maria:

> O sertão é o espaço da sociabilidade, por vezes da dispersão, mas também do retorno; e a cultura sertânica é a mola mestra do movimento civilizacional da "nacionalidade sertaneza". Na realidade e no universo ficcional, Elomar se entrelaça e se confunde com seus personagens e faz da própria existência um meio de afirmação da identidade dos povos que habitam as terras do sertão. A sua obra constitui-se, pois, em um importante contributo para a construção de uma Nova História da Cultura Brasileira, alavancada sobre o reconhecimento das identidades própria aos indivíduos e grupos que habitam a *Prata do Sertão* (ESTER MARIA, 2018, p 38-39).

Conhecer os costumes da nossa região, saber que fazemos parte desse lugar de poetas cantadores que escrevem e cantam a cultura sertaneza, certamente é um trabalho encantador a ser realizado por professores e alunos.

1.2 A função cultural e educativa da escola.

A função cultural da escola está presente no papel de transmitir aos indivíduos valores e formas de comportamento, aproximando-os de sua história para compreender

sua cultura. Assim, o processo educacional cumpre sua função de socialização quando os indivíduos crescem e se desenvolvem absorvendo os valores transmitidos pela cultura regional em que estão inseridos. É imprescindível ter conhecimento e manter acesa na memória as próprias origens, pois antes de compreender a cultura de outros povos, deve-se primeiro conhecer/valorizar a história da própria cultura regional.

Concordamos que o processo educacional tem início a partir do momento em que o indivíduo nasce e é introduzido no grupo familiar. Na família, a pessoa assimila os valores e as regras estabelecidas na sociedade em que está inserida. Assim, a educação permite que o indivíduo interfira no meio social em que vive e possa promover modificações nos padrões culturais estabelecidos, transformando a própria realidade. Os PCNs (2001, p. 19) destacam que "[...] A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade." A arte no campo educacional é capaz de promover mudanças no modo como o aluno vê o seu meio para que nele possa agir.

É importante frisar que a cultura regional tem um papel fundamental na formação do sujeito, conforme explica Cestari (2011), não podemos negligenciar o peso que tem a inserção do sujeito na realidade, uma vez que inserir-se no mundo é um processo socializador pelo qual passa o indivíduo para que ele se torne humano, reproduzindo para si também as formas de dominação presentes na cultura elaborada. Portanto, conforme contempla o pensamento de Barros et al (2007, p. 30) quando ele afirma que "proteger não significa defender o isolamento ou o fechamento ao diálogo com outras culturas, mas sim encontrar meios de promover a sua própria cultura".

Talvez o maior desafio para os jovens na atualidade seja perceber com profundidade os valores de uma cultura regional que para ser promovidos requer apreciação e sensibilidade que se percebe é um rompimento da beleza, um distanciamento de tudo aquilo que é sensível, que desperta a alma humana, em detrimento de um processo impositivo de padrões que enquadram os jovens em um modelo de cultura vulgar, massificada, mas que os permite à inserção na realidade. O filósofo Schopenhauer propôs que "a grande multidão possui olhos e ouvidos, mas não muito mais do que isso, menos ainda juízo e memória", além do mais preconizou que essa multidão tende a se perder, visto que possuem certas limitações, e, talvez, a maior delas seja a capacidade de ver e ouvir. "A presença de outros que vejam o que vemos e ouçam o que ouvimos nos garante a realidade do mundo e de nós mesmos". (ARENDT, 1998, 50).

O que está posto é que as boas ideias se restringem, ao passo que os meios de comunicação se expandem, impondo os seus padrões, seduzindo a juventude na busca desvirtuada pelo efêmero. Outro aspecto preocupante diz respeito à função educativa da escola, esta tem inúmeros princípios que não segue, mas nos atentaremos ao princípio que mais nos inquieta, por se tratar do tema central dessa pesquisa: Por que a nossa educação não começa das nossas raízes culturais?

Cestari em seu texto sobre a "Individualidade e formação humana", faz uma colocação importante sobre o pensamento de Arendt, que pode nos ajudar a responder a essa questão, bem como entender a relação entre educação e cultura:

> Arendt, ao tratar sobre educação, aborda o tema num capítulo de seu livro "Entre o passado e o futuro", num ensaio intitulado "A crise na educação", mediante o qual ela estende à educação suas reflexões sobre a tradição e a autoridade, analisando que a crise se refere à ruptura e perda destas nos espaços e experiências educativas. Ela visualiza que a educação está inserida entre o mundo que é mais velho que as crianças e o potencial renovador que elas trazem, apostando, assim, na capacidade de transformação, ou seja, é dado a cada indivíduo ao mesmo tempo em que se insere no mundo, a possibilidade de modificá-lo. (ARENDT, 2003.).

O princípio, a origem e o laço que produzem o vínculo com o desabrochar de elementos da cultura de um povo são símbolos e rituais que não podem ser negligenciados em nossa educação. Ao fazer referência ao termo raízes culturais estamos nos referindo aos elementos de uma cultura produzida pelo povo, portanto, são a base e o alicerce da construção histórica de uma região.

É imprescindível que os jovens estudantes conheçam esse princípio através da cultura regionalizada, por se tratar do marco inicial da nossa história. Sabemos que com o tempo e devido ao desenvolvimento e popularização dos meios de comunicação a cultura regional sofreu modificações que alteram esse princípio, bem como o interesse dos jovens por essa cultura que, embora seja negligenciada pelos jovens e até mesmo pela escola, necessita ser resgatada e preservada na memória de todos. Lembremo-nos, pois, de que: "Falar sobre as culturas é repensar sobre as poéticas das vozes inscritas nas relações instantâneas com as experiências, verdadeiras metáforas da memória" (ARRUDA apud FECHINE e SEVERO, 2007 p. 08).

Compreender as modificações da cultura regionalizada frente às investidas da cultura produzida para entreter os jovens é um grande desafio dessa pesquisa. Mesmo sabendo que as interações culturais são salutares e benéficas por demonstrarem que a cultura não está inerte nos atentamos a denunciar essa cultura de massa que impede os

jovens de incorporarem, aprenderem e assimilarem a cultura de sua comunidade, de seu povo. O que está em curso é uma verdadeira obliteração das matrizes tradicionais da cultura regionalizada. A educação deve se atentar ao dever de preservar as raízes culturais e a memória. Cuidar da nossa cultura regional que está viva, expressa nas vozes dos cantadores, na autenticidade das obras do povo e desse lugar, é o que nos dá sentido para não esquecer quem somos, de onde viemos, e quais são as nossas raízes.

Em uma sociedade capitalista, a indústria cultural apropria-se da arte e produz uma cultura que não é autêntica. Segundo Walter Benjamin, a cultura tornou-se um elemento de mercado, pois utiliza técnicas de reprodutibilidade que atende a lógica mercadológica capitalista, na qual não há distinção da individualidade e do gosto estético de cada indivíduo e de cada cultura. A ideia é o consumo do que a mídia impõe.

Em linhas gerais, o que precisamos é nos atentar para os padrões de consumo que nos são impostos, uma vez que impedem que os indivíduos reflitam sobre seu papel na sociedade, levando-os à alienação. Os produtores da cultura de massa quando propõem alguma modificação têm como objetivo criar tendências de consumo, sem comprometer as normas sociais vigentes e, assim, promover o conformismo social, próprio da indústria cultural. Diante desse quadro, compreendemos a real necessidade de apresentar aos jovens o universo da cultura popular, regionalizada, que por sua vez pode ser caracterizada como a soma dos valores tradicionais de um povo, expressos em manifestações artísticas, crenças e costumes. Desse modo, apresentamos a arte elomariana composta de elementos materiais e não materiais, que retrata um sertão profundo, real e imaginário com traços culturais belíssimos de um espaço geográfico onde se manifesta a nossa história e a nossa tradição.

> [...] Elomar constrói uma obra permeada pelo passadismo e pelo apego às tradições. Essas tradições, Elomar as classifica em abordagens valorativas, as ressignifica e reinventa em formas poético-musicais as mais distintas (ESTER MARIA, 2018, p 33-34).

Nos primeiros capítulos de Sobre a violência, Hannah Arendt nos faz pensar sobre o desvirtuamento do conceito de “tradição” que, para os gregos, era sinônimo de responsabilidade e cuidado para com os valores históricos do homem. Os sinais da contemporaneidade têm indicado nas mais diversas frentes de investigação da cultura

humana a compreensão de que a cada dia os jovens passam a cultivar uma atenção abstrata e desinteressada pelas raízes culturais que contribuíram para a formação do nosso país.

No entender de Arendt (2001), o problema da educação no mundo moderno está no fato dela não poder renunciar ao uso da autoridade, nem da tradição (na acepção antiga dos termos), e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é mais estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição.

A partir dessa constatação, a autora desdobra a questão da tradição ao tratar sobre as massas e a sua cultura como um fenômeno que não é passageiro e, para além disso, afirma que a cultura de massa é uma cultura depravada, proveniente de uma sociedade também depravada. Essa máxima revela que em outrora existiu uma era dourada, na qual imperava sobre a sociedade o apreço pelas artes, e que teria ajudado no desabrochar das artes e da cultura de valor. Nessa perspectiva, uma obra de arte surge como objeto do mundo por excelência, pois está para além do tempo, uma que pode ser imortal. A obra artística de Elomar floresce nesse alcance da imortalidade, pois tem a capacidade de prender a atenção e comover as gerações futuras por tempo indeterminado. O valor da arte elomariana não é fabricada para atender qualquer necessidade vital, pois toca no íntimo da alma humana. As músicas do compositor não estão vinculadas a qualquer forma de consumo, ela é livre, independente. “Entre os objetos que não ocorreram na natureza, mas tão-somente no mundo feito pelo homem, distinguimos objetos de uso e obras de arte” (ARENDT, 1972: 262).

Desta forma, entendemos que a obra de arte transita pelo sensível e estético, transformando a beleza, educando o espírito humano. Sobre o legado do Cancioneiro, a apreciação é condição fundamental.

É por isso que pensamos que o valor educativo da cultura popular deve estar integrado ao espaço escolar, a fim de aproximar os jovens da cultura regionalizada, consequentemente das suas raízes e tradições para que eles possam, além de reconhecer o seu valor educativo/histórico/poético, considerar que os aspectos da mercantilização da cultura não podem conduzir os valores e comportamentos de um povo.

Diante do exposto, penso que seria impossível identificar como a arte de Elomar Figueira Mello educa no sentido de humanizar os sujeitos sem antes fazer o trajeto sobre as investidas obscuras do capitalismo cultural para entender as suas implicações no campo da educação e na formação dos sujeitos, por isso, autores como Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno, Hannah Arendt, Walter Benedix Schönflies Benjamin, Dante

Augusto Galeffi, Luiz Artur Santos Cestari, Gilmar Leite Ferreira, Ester Maria de Figueiredo Souza são os principais nomes que compõem as referências dessa pesquisa.

1.3 Indústria cultural e formação humana

Os atuais processos de comunicação obliteram o comportamento do indivíduo, agem sobre os sistemas de conhecimento ao ressignificar a percepção sobre a sua estrutura política, social, econômica e estética. Pensamos que todos os tipos de arte deveriam dedicar-se em ser arte-denúncia, ou seja, a arte deve denunciar as pretensões torpes e obscuras da indústria cultural que com muito barulho tenta silenciar a arte como prática de divulgação e de aprendizado. Atualmente, diante do cenário político do nosso país, temos visto a arte como forma de dar voz e visibilidade a temas de interesses coletivos, denunciando e ajudando a construir uma sociedade crítica, seja por meio de músicas, poesias, performances, dentre outras.

Portanto, para reforçar, a arte possui um papel fundamental na história desde os tempos mais remotos. É inquestionável que ela é uma necessidade de expressão no mundo, que emerge como fruto da interação homem/mundo. Nesse sentido, repensar a História é o que propõe a ideia do círculo hermenêutico de Walter Benjamin: a compreensão do passado para poder compreender o futuro e a necessidade de entender o presente para entender o passado, sem um não se chega ao outro. É no tempo que a humanidade expressa os seus anseios, crenças, expectativas, sonhos e desejos. E é assim que a obra de Elomar Figueira Mello, após atravessar o tempo, entre o real e o imaginário, nos alcança e nos convida a contemplar um lugar chamado sertão e as histórias de um povo sertanês. E como uma forma de expressão no mundo, aqui e agora, analisamos como um caminho para educar e sensibilizar a natureza humana.

Para apresentar os nossos argumentos escolhemos um caminho mediado por dois autores, – Arendt e Benjamin - a fim de compreender a relação entre a indústria cultural e formação humana por assim entender que em suas inquietações teóricas é analisada a forma como a sociedade capitalista contemporânea determina as condições de dominação que se perpetuam.

Assim, faremos apropriações dos conceitos criados por Walter Benjamin para analisarmos a obra elomariana como recurso didático na educação contemporânea, essa tão assediada pelas ideologias dos meios de comunicação. Apropriando-se das ideias

propostas nos escritos de Walter Benjamin buscaremos fragmentos sobre suas perspectivas do que é arte e educação. Também vamos ater-se à discussão sobre experiência, tradição e autenticidade.

No texto de Walter Benjamin, publicado em 1955, "A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica", o autor ao tratar sobre as tendências evolutivas da arte, nas atuais condições reprodutivas, alerta para conceitos tradicionais, tais como criatividade e gênio, validade eterna e estilo, forma e conteúdo, que são postos de lado pelo modo de produção capitalista. A técnica de reprodução atinge uma etapa irreversível.

> "A reprodução técnica do som iniciou-se no fim do século passado. Com ela, a reprodução técnica atingiu tal padrão de qualidade que ela não somente podia transformar em seus objetos a totalidade das obras de arte tradicionais, submetendo-as a transformações profundas como conquistar para si um lugar próprio entre os procedimentos artísticos." (BENJAMIN,1955, p.1).

A reprodução técnica, por mais perfeita, perde um elemento, a autenticidade, o momento presente,

> "[...] o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. E nessa existência única, e somente nela, que se desdobra à história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. Os vestígios das primeiras só podem ser investigados por análises químicas ou físicas, irrealizáveis na reprodução; os vestígios das segundas são o objeto de uma tradição, cuja reconstituição precisa partir do lugar em que se achava o original." (BENJAMIN,1955, p.2).

Segundo o autor, o aqui e agora constitui o conteúdo da sua autenticidade e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto sempre igual e idêntico a si mesmo. Portanto, a reprodução técnica não só desvaloriza a arte, mas faz desaparecer a sua autenticidade, pois, para Benjamin seria a quintessência de tudo que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico, mas que através da reprodução também perde o seu testemunho e o seu peso tradicional, a sua aura.

Em síntese, a aura é um conceito que nos permite resumir essas perdas:

> "O que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. *Generalizando, podemos, dizer que a técnica da reprodução destaca o domínio da tradição o objeto reproduzido.* Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite a reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam num violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade." (BENJAMIN,1955, p.2).

Mas o que se perdeu de autenticidade em meio ao que é veiculado como "mais importante" pela grande mídia em relação a Elomar? A liquidação do valor tradicional do patrimônio cultural, portanto, a destruição da aura. Esse declínio da aura, fruto da reprodutividade, para atender a intensidade dos movimentos de massas, tem transformado a percepção das coletividades humanas ao mesmo modo de sua existência.

Elomar relata em seu Romance de Cavalaria, Sertanílias, o seu encontro com a aura sertânica:

> Assim que cheguei no Rio Gavião, ali pelos finais da década de 60, do?... Logo fui tendo conhecimento – ao ouvir as narrativas de vaqueiros, caçadores, andarilhos, meladores das coisas: serras, riachos, lagoas, riachões e tudo mais ao derredor. Serra da Carantonha, Riachão do Gado Brabo, Riachão da Vaca Seca, do Cascavel, Barra do Traíra, Lagoa da Porta, Ôi D'água dos Cabilud', ciganos, ladrões de bode, onças, todas elas, sussuarana, canguçu-rasteiro, mão-torta, onça-caboclo ou tigre e tantas muitas outras coisas e lugares bonitos e emoldurados por bonitos nomes como, por exemplo, Lagoa da Porta (Mello, Elomar Figueira, 2008, p. 10).

Ainda em Sertanílias, o autor parece tecer uma crítica à indústria cultural, em especial aquela produzida pelo cinema:

> Também, estando até a tampa, cheio de ver heróis modernos cloacados pelo cinema enlatado, chato, mesmício, porrista, posudo e despótico, resolvi procurar Sertano, um vaqueiro culto que lê Virgílio, Flaubert e Herculano sem recorrer a dicionários e que sabe das coisas, um bocado delas, que habita mundos de físicas e matemáticas conhecidas e não conhecidas... (Mello, Elomar Figueira, 2008, p. 11).

É preciso mostrar o que existe de expressivo e vigoroso na obra do Cancioneiro Elomar, mas, para além disso, é preciso resistir ao contágio dessa cultura enlatada. Em 20 de dezembro de 1977, foi registrada em nota jornalística independente 'Fifó', de Vitória da Conquista, os comentários do jornalista que destacam a importância da resistência cultural:

> Coube a Dércio Marques, principalmente, e a Ricardo Morel, mostrarem o que existe de expressivo e vigoroso em termos de arte extemporânea, pura, sem o contágio pernicioso do consumismo avassalador que grassa em nossos dias. Elomar brindou o público com suas composições inteligentes, singelas, com sabor de linguagem do povo, transbordantes de sentimentos, crenças, costumes, atitudes e devoção do homem simples da caatinga. Elomar cantou a convicção íntima do catingueiro oprimido por uma natureza adversa e esquecido por um sistema urbanícola e discricionário, perpetuado através da nossa história (MOURA, 1977b, p.167).

No livro Composições entre sertões e chapadas, a organizadora Ester Maria de Figueiredo Souza faz um importante registro temporal que marca o ato criativo da primeira ópera, a labuta de Elomar ao compor em meio aos ruídos da contemporaneidade, mas para além disso, a profecia de tempos obscuros:

> Elomar compôs sua primeira ópera em 1969, Auto da catingueira, e continua a compor intensamente, a labutar com a viola, varando dias e noites, a Casa dos Carneiros, onde pretende concluir sua obra, bem distante dos ruídos dos mundos urbanos, pois que não só sua obra é dissidente e irrecuperável de toda e qualquer contemporaneidade, tendo em vista sua formação estritamente clássica e regionalista, o que lhe traz à lembrança palavras de antigas profecias "sertanezas", que sentenciaram: "haverá de chegar um tempo de baixar os muros e levantar os monturos – vivemos o tempo do culto às nulidade. São os minimalismos que estão chegando".

Sobre os modismos e culto às nulidades do nosso tempo, Ester Maria compartilhou o que:

> A seleção – escolha, mas também, recusa e "desconhecimento" – das heranças disponíveis toma, em Elomar, o sentido de rejeição à arte contemporânea e à cultura "estadunidense", contra as quais ele opõe o respeito à herança europeia e às suas diferentes matrizes, consolidadas no processos de ocupação do interior do Brasil. Mas uma ideia por ele tantas vezes repetida, reforçadora da sua predileção pelo passado, pelas tradições, indica que somente a um novo tempo, a uma outra geração, pertence a sua música, incompatível com os modismos de nosso tempo (ESTER MARIA, 2018, p 34).

Pelo olhar "benjaminiano", podemos entender sobre o referido culto às nulidades. A nossa sociedade traz ideologias embutidas e enlatadas presentes e subjacentes na produção cultural, ou seja, mudanças que afetam os modos de percepção da experiência social. Esta consiste no fato de que na vida social moderna "as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter" (GIDDENS: 1991, p. 45). Perceber os códigos de dominação que estão em curso na cultura mundial é imprescindível para que possam ser adotadas estratégias no campo da educação que visem a racionalização da vida social e individual, pois como previa Benjamin em vários de seus textos: somente quando a arte estiver desvinculada das ideologias burguesas, quando os autores se desvincularem do poder do capital e pensarem uma produção artística para as massas, tornando-as desconfortáveis às classes dominantes, é que as Artes passarão a refletir sobre sua existência.

Dessa forma, a educação que possibilita a reflexão crítica proporciona os valores presentes na cultura regionalizada, reascendendo sua aura para permitir o resgate do

reconhecimento e do valor de uma arte que está viva, que permite a compreensão do passado, a ampliação para o presente e para o futuro. Na obra Composições entre sertões e chapadas, Ester Maria descreve o olhar de Elomar sobre a cultura regional:

> Ao afirmar as especificidades das formas de expressão cultural de indivíduos e grupos associados à ideia de sertão, Elomar aponta para existência de uma cultura regional que não deve ser tomada apenas como resíduo ou sobrevivência, mas como uma cultura viva, movente, sujeita a transformações, e da qual ele participava ativamente. Os elementos típicos dessa cultura sertaneza – dialetos, ritmos, imagens, memória histórica ou ficcional – ele os seleciona, individualiza, preserva, contrapõe à cultura do "outro". (ESTER MARIA, 2018, p 42-43).

Elomar expõe na apresentação de sua obra uma cultura regionalizada que não é inferior às demais formas de compreensão e representação do mundo. A sua arte é resistência frente às indústrias do entretenimento.

Por isso, analisaremos o poder da mídia e dos meios de comunicação a partir de meados do século XX, quando filósofos e sociólogos se atentaram para o fenômeno da indústria cultural tendo em vista que os meios de comunicação, se usados de forma planejada, poderiam dirigir o consumo e influenciar a conduta das massas.

Nesse sentido, os filósofos alemães Walter Benjamin (1892-1940), Max Horkheimer (1895-1973), Theodor Adorno (1903-1969), da Escola de Frankfurt estavam interessados em diagnosticar a situação da arte no contexto da sociedade capitalista, uma vez que essa foi transformada em mercadoria destinada ao entretenimento.

A indústria fonográfica para tentar se manter no mercado exalta gêneros populares e restringe a veiculação do erudito. Músicas de fácil absorção (com letras apelativas e, por vezes, vulgares) predominam nos programas de rádio. Isso limita os espaços para a veiculação de música mais elaborada, com composições que contemplem a realidade da sociedade de maneira reflexiva. A música brasileira de grandes compositores raramente aparece nas programações musicais. Assim, para Adorno (apud Assis 2012):

> [...] a indústria cultural faz coincidir cultura com entretenimento, de modo que o lazer passa a ser uma oferta da indústria cultural, fazendo da cultura um mero produto que pode ser oferecido, sobretudo pelos meios de comunicação. Isso nos leva a questionar: como têm sido as manifestações culturais de nossa época? Quais são os critérios utilizados para seleção das formas de cultura de nosso povo? A crítica de Adorno vai de encontro com essa dura realidade. (ASSIS, 2012).

Conforme conclui Silva (2002):

> Fica claro, portanto, a grande intenção da Indústria Cultural: obscurecer a percepção de todas as pessoas, principalmente, daqueles que são formadores de opinião. Ela é a própria ideologia. Os valores passam a ser regidos por ela. Até mesmo a felicidade do indivíduo é influenciada e condicionada por essa cultura (SILVA, 2002, p 6).

Adorno é um dos maiores críticos da sociedade massificada contemporânea. O problema destacado pelo autor é a cultura de massa, produto da indústria cultural e não produto da própria massa, como pretendem os seus defensores. Segundo o filósofo, a arte massificante, voltada apenas para os interesses comerciais, é fruto de uma técnica que está ligada à arte de bem vender, portanto, a autenticidade é sacrificada pelo poder econômico que reduz o ser humano a mero consumidor; o indivíduo perde a sua condição de ser pensante e assume definitivamente o papel de consumidor. Nesse sentido, Cestari destaca que a significação econômica de nossos valores tem sido a forma que o capitalismo tem utilizado para instituir a compreensão das realizações humanas como dependentes da realização econômica em cada indivíduo. Esse aspecto tem sido, por exemplo, a forma pela qual o indivíduo tem assumido a sua versão consumista.

Nesse caminho, Adorno adverte:

> Espantoso é como o homem vem sucumbindo fragorosamente à indústria cultural, a qual serve, indiscutivelmente, ao sistema capitalista. Curioso é notar, como mostra Adorno, que o capitalismo tem suas raízes no iluminismo, que pretendia a libertação do homem de todos os seus medos e mitos, mas, ao contrário, os caminhos percorridos acabaram resultando na subjugação solapante do homem frente à máquina, ou mais propriamente, à técnica, no sentido desvirtuado pela industrial cultural, que "impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente". (T. Adorno, Indústria Cultural, 1986.)

Nesse ponto, outra questão merece destaque. A indústria cultural tem provido a destruição dos jovens que diante da modernidade cultural não encontra espaço para pensar, refletir, ou ao menos se conscientizar da lavagem cerebral que os torna escravos e distantes da sua autonomia como ser humano. Esses são elementos que motivam alienação!

É por isso que este trabalho propõe resgatar a autonomia dos jovens através de uma experiência estética de apreciação das letras do compositor Elomar Figueira Melo. Uma vivência prática da sensibilidade que liberta e educa.

A educação em sua concepção teórica caracteriza-se como o processo de transmissão de cultura que procura desenvolver a potencialidade das pessoas, integrando-

as na sociedade a que pertencem. Afinal, o ser humano precisa ser preparado para a convivência, e o processo de aprendizagem exige que a pessoa descubra o outro para construir sua personalidade moral. No entanto, Cestari em seu texto sobre a Individualidade e formação humana faz uma colocação importante sobre o pensamento de Adorno acerca da relação entre educação e cultura:

> Adorno parece não alimentar proposições afirmativas em relação à educação sem que tenhamos alterações nos aspectos que condicionam a cultura e a educação na sociedade. Por isso, argumenta em favor da reelaboração das experiências, do resgate da razão emancipatória perdida com a crise do conhecimento e da razão, atribuindo com isso um novo papel ao indivíduo na relação com a cultura, e a própria cultura passa a assumir papel relevante para uma reelaboração da crítica à sociedade.

Aproximar os jovens à cultura regional é um importante passo para a construção de uma relação que tem a capacidade de moldar a existência dos alunos, um exemplo disso é o contato com o sertão e o povo sertanês que transmitem valores para uma melhor convivência. Essa experiência pode revelar tanto para os jovens quanto para o povo sertanês um sentimento de aproximação que amplia a concepção de educação. Dessa forma, afirmamos: a cultura regional, o sertão, o povo sertanês educam!

> A maneira de educar é a inerência sensível entre homem e natureza, que interligados, impulsionam a vida, elaboram sentidos e criam significados. Por meio da experiência estética, o sertão propõe ao homem uma educação tecida na existência, aprendida e apreendida pelas relações constantes entre o homem, a cultura e a natureza, onde tudo está entrelaçado, abrindo horizonte de sentido e fazendo da existência um caminho repleto de significados (FERREIRA, 2013, p. 16).

Possibilitar uma forma de aproximar os jovens ao povo sertanês para a compreensão de uma cultura regionalizada que educa é o desafio da escola, uma vez que antes dessa aproximação deve-se entender que o aluno traz para o ambiente escolar vivências, informações, experiências culturais e, em especial, a cultura massificada que não podem ser desprezados, mas trabalhados para que haja assimilação e entendimento desses pelos alunos.

É importante ressaltar que a cultura popular regionalizada não exclui a cultura de massa. No entanto, é preciso que os alunos assimilem a grande diferença entre as duas: as manifestações culturais populares são produzidas por aqueles que a consomem, ao passo que a cultura de massa geralmente é produzida para ser vendida a um público amplo, ocasionando perda ou modificação da cultura popular, regionalizada.

Mesmo sabendo da necessidade em avaliar os aspectos da mercantilização da cultura e dos fenômenos de massa que obliteram a percepção das pessoas para os valores culturais e regionais, é função da escola identificar as vivências culturais desses alunos e os valores que essas transmitem, de modo a perceber o que se passa no íntimo do indivíduo: como ele vê, sente e pensa a respeito sobre algo e certificar-se de que ela não segue um padrão, pois sofre influências da cultura, educação, religião e experiências adquiridas.

Avaliar os valores transmitidos pela cultura de massa é uma importante estratégia educacional para compreender o perfil dos alunos, ou seja, como eles recepcionam, identificam e expressam uma cultura mercantilizada que tem distanciado os jovens das suas raízes e dos valores educativos que propagam a cultura regional. O autor Pedroso (1999, p. 9) enfatiza a relevância em conhecer as próprias raízes:

> Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem devemos estar presos ao passado. Mas precisamos ser legítimos e só as raízes nos dão legitimidade (PEDROSO, 1999, p. 9)

A partir dessas considerações e com o objetivo principal de estimar a importância da educação e da cultura regionalizada, esta pesquisa aponta para um pensar educacional que identifica no espaço escolar a necessidade de resgatar e reconhecer o valor de uma arte que está viva e que expressa valores educativos que podem aproximar os jovens às suas raízes culturais a fim de despertar, conscientizar, e, para além de tudo, educar o espírito humano. Esse pensamento educacional motiva e abre espaços para levarmos em consideração a relação dos sujeitos com o mundo vivido, tornando-os cidadãos mais sensíveis e conscientes de sua história.

2. O PERCURSO METODOLÓGICO: A ESTRUTURA DE UMA HISTÓRIA

Este estudo conta sobre múltiplas experiências vividas no campo e na cidade, nas tradições musicais que colocam os sujeitos diante de uma encruzilhada de onde emergem e convergem inúmeros caminhos, influências e possibilidades. A nossa proposta revela e faz referências aos valores de uma obra artística que traz em si um estilo poético fundado em tradições medievais e ibéricas, assim como ao universo cristão. A obra elomariana

apresenta valores como coragem, honra, humildade e amor que serão apresentados a partir de uma análise documental de suas composições, onde identificaremos os aspectos educacionais capazes de educar no sentido de humanizar os sujeitos. A estrutura dessa história será produzida obedecendo a um percurso metodológico, dividido em dois cantos, o primeiro trata sobre a qualidade da experiência vivida, e o segundo sobre a cultura regionalizada e resistências disparadas no contexto da pesquisa-ação.

A estrutura em dois cantos foi definida por se tratar de uma referência às faixas músicas de uma obra-prima do cantor Elomar, o Auto da Catingueira (1983), que começou a ser composta quando o compositor tivera 17 anos de idade. Esse álbum foi gravado na sala de visitas da Casa dos Carneiros[3], na Fazenda da Gameleira. O LP é dividido em dois discos e as faixas são apresentadas em 5 cantos, a seguir:

Faixas:
Disco I:
Bespa (Introdução à Cantoria)
1º Canto: Da Catingueira
2º Canto: Dos Labutos
3º Canto: Das Visage e Das Latumia
4º Canto: Do Pidido
Disco II:
5º Canto: Das Violas da Morte

O Auto da Catingueira marca a incursão de Elomar no universo orquestral, obra definitiva da poética sertaneza brasileira. O gênero de origem erudita usa das formas e vocábulo da cultural regional. Essa é a genialidade da sua obra: apresentar ao povo sertanês a Ópera alemã com a linguagem cultural local como um todo (língua, signos, problemas, música, espaço, etc.).

2.1 O PRIMEIRO CANTO: A QUALIDADE DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Ô Zefinha
Ouve o seu pai meu bem

[3] Elomar possui duas pequenas fazendas no semiárido do sudoeste da Bahia onde cria miunça -carneiros e cabras, as vezes um pouco de gado graúdo. A fazenda CASA DOS CARNEIROS situa-se na região da Gameleira, Serra da Tromba município de Vitória da Conquista.

Ama essa terra que nosso Sinhô
Um dia batizô a terra de ninguém
Ôôôô... Zefinha
Veja quantos ranchos tem
Nessa terra os homi planta, colhi e comi
Louvando Jesus na terra de ninguém
Louvando Jesus na terra de ninguém [...]

(Elomar Figueira Mello, "Zefinha")

O trajeto da minha experiência vivida na infância e como professor do Colégio Paulo VI se entrelaça e reflete a importância que os familiares e professores têm na formação humana dos sujeitos. Com eles aprendi a colocar em prática sentimentos, pensamentos e valores que fossem compartilhados de sentidos e que pudessem trazer para formação humana dos jovens uma ampla relação com o mundo.

Nessa perspectiva, entendemos que a vivência social da família, os ambientes escolares, e todo o ciclo vital são marcados por experiências que perduram por toda a vida. Desta forma, nos propomos a entender a influência da família na transmissão de conceitos, hábitos e valores da cultura regionalizada, assim como identificá-los no espaço escolar. Já sabemos que as experiências culturais dos jovens são marcadas pelos efeitos da mercantilização cultural que instrumentaliza o sujeito e que constitui padrões de comportamento capazes de transformar a interioridade humana. O nosso maior desafio é entender quais as implicações formativas disso para jovens estudantes do ensino médio.

O *corpus* de análise delimitado para esta pesquisa é parte do material do CANCIONEIRO (49 canções) de Elomar (TAB. 1), registrado em sua discografia nos LPs: Das barrancas do Rio Gavião, Na quadrada das águas perdidas, Parcelada Malunga, ConSertão, Dos confins do sertão (MELLO, 1973; 1979; 1979; 1982; 1986).

O *corpus* analítico compreende dez composições de Elomar que foram escolhidas por dialogarem com os principais conteúdos abordados na turma do 2º ano do Ensino Médio.

TABELA 1

Canções de Elomar analisadas

Das barrancas do Rio Gavião (1973)

1. **‘O violeiro’** 2. **‘Curvas do rio’** 3. **‘Joana flor das alagoas’**
Na quadrada das águas perdidas (1979) 1. **‘Ai meu Deus canto novo’** 2. **‘Campo Branco’** 3. **‘A pergunta’** 4. **‘Curvas do rio’**
Parcelada Malunga (1979) 1. **‘Chula no terreiro’**
ConSertão (1982) 1. **‘Incelança pra terra que o sol matou’**
Dos confins do sertão (1986) 1. **‘A função’**

A análise do *corpus* teve como guia essencial o diálogo com os estudos culturais e a sua aproximação com a educação. Todos os diálogos referem-se à função cultural e educativa da escola; a indústria cultural e formação humana; memória e oralidade; Elomar e os aspectos da humanização presentas nas suas obras.

Partindo dessa máxima, a fim de entender esses efeitos definimos como caminho para realizar essa pesquisa a metodologia qualitativa, uma vez que o pesquisador pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos. Para Prus (apud MOREIRA, 2002, p. 50-1), a tarefa de “dupla hermenêutica” justifica-se pelo fato de os investigadores lidarem com a interpretação de entidades que, por sua vez, interpretam o mundo que as rodeiam. Assim, por meio dessa metodologia entenderemos como os jovens interpretam a cultura de massa, cultura popular, regionalizada, mas também como compartilham suas interpretações à medida que interagem com outras culturas e como elas refletem sobre suas experiências no desenrolar de suas atividades cotidianas.

A fim de ampliar as possibilidades de melhor entender a situação do ambiente escolar, nos apoiaremos em um sumário com seis itens pelo qual Moreira (2002) aborda

as características básicas da pesquisa qualitativa, a seguir: 1) A interpretação como foco. Nesse sentido, há um interesse em interpretar a situação em estudo sob o olhar dos próprios participantes; 2) A subjetividade é enfatizada. Assim, o foco de interesse é a perspectiva dos informantes; 3) A flexibilidade na conduta do estudo. Não há uma definição a priori das situações; 4) O interesse é no processo e não no resultado. Segue-se uma orientação que objetiva entender a situação em análise; 5) O contexto como intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência; e 6) O reconhecimento de que há uma influência da pesquisa sobre a situação, admitindo-se que o pesquisador também sofre influência da situação de pesquisa.

Diante dessas peculiaridades elencadas da pesquisa qualitativa, entendemos que essa metodologia promoverá meios eficazes para a composição dessa pesquisa, assim como para a elaboração de relatórios, conclusões ou (in) conclusões da pesquisa.

2.2 O SEGUNDO CANTO: CULTURA REGIONALIZADA E RESISTÊNCIAS DISPARADAS NO CONTEXTO DA PESQUISA-AÇÃO.

Ainda sobre a metodologia, esta será realizada mediante pesquisa-ação, que segundo Thiollent (1985:14) é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Assim, na pesquisa-ação investiga-se no campo de pesquisa e age-se nele através da identificação de um problema e planejamento de alguma ação de interferência e seu monitoramento. De acordo com Engel (2000, p.02)

> A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como "independente", "não reativa" e "objetiva". Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta.

Para a realização da pesquisa-ação a técnica de coleta de dados será a entrevista. Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), a grande vantagem dessa técnica "é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais cariados tópicos". De acordo com Moreira (2002, p. 54), a

entrevista pode ser definida como “uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente”. No caso desta pesquisa serão realizadas entrevistas semiestruturadas, uma vez que dão uma maior possibilidade de entendimento das questões estudadas no ambiente escolar, permitindo não somente a realização de perguntas que são necessárias à pesquisa e que não podem ser deixadas de lado, mas também a relativização dessas perguntas, dando ao entrevistado liberdade e a possibilidade de surgir novos questionamentos não previstos e que certamente ocasionarão uma melhor compreensão do objeto em questão.

Os procedimentos técnicos que serão utilizados para coleta de dados obedecerão três passos: (1) Conhecer a história de vida dos alunos, identificando através das suas memórias mais antigas o repertório cultural que foi transmitindo pela família. Assim, entenderemos o contexto familiar como intimamente ligado ao comportamento dos jovens na formação da experiência; (2) Perceber se os jovens identificam nas criações da indústria cultural os elementos que influenciam os sentidos, a sua existência, e a sua relação com o mundo. O reconhecimento dessa influência aponta para o significado que os jovens atribuem à sua realidade; (3) Identificar se a aproximação dos jovens com a cultura regionalizada pode educar no sentido de humanizar os sujeitos. Tal aproximação pode permitir aos alunos criar uma visão de mundo, transformando-o, ampliando-o para o presente e para o futuro.

Desta forma, objetiva-se mapear elementos de humanização através das composições e como os jovens recepcionam essa ideia, quais as resistências disparadas e os processos normativos. Isto posto, utilizaremos o desenvolvimento de um grupo focal, uma vez que essa técnica de pesquisa qualitativa permite realizarmos uma análise e um diálogo através das respostas obtidas com os alunos da turma do 2º ano do ensino médio. Essa série foi escolhida obedecendo o componente curricular que trata de assuntos que estão em consonância com os objetivos desta pesquisa, tais como: Cultura e Sociedade; Diversidade cultural; Antropologia e Cultura; Arte, Cultura e Sociedade; Multiculturalismo e diversidade cultural.

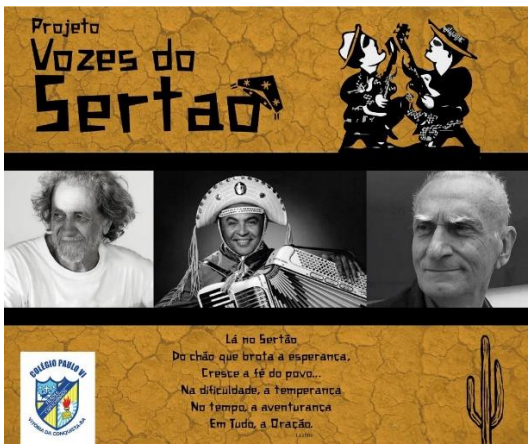
É importante frisar que não serão utilizadas imagens dos alunos e que entrevistas semiestruturadas contarão com questionamentos que contemplem respostas aos objetivos propostos nesta pesquisa e também na autorização prévia dos pais dos alunos através do TCLE. Por fim, os dados serão analisados com base na bibliografia proposta, obedecendo aos critérios exigidos para o desenvolvimento de uma pesquisa científica.

3. RESULTADO: A FUNÇÃO

[...] tem um bicho roeno o meu coração
cuano eu era minino a vida era manêra
não pensava na vida junto da foguêra
brincano cun's irmão a noite intêra
sem me dá qui êsse tempo bom
havéra de passá
e a saudade me chegá essa féra
quem pensá qui êsse bicho é da cidade
s'ingana a saudade nasceu cá no Sertão
na bêra da foguêra de São João
na bêra du'a foguêra de São João [...]

(Elomar Figueira Mello, "A Função")

Ainda há pouco eu era o menino na beira da fogueira, soltando traque e acendendo vulcão, brincando com os meus primos em uma noite de São João na cidade de Ibiassucê. Hoje, sou adulto e a saudade me chega como uma fera daquela vida tão boazinha, só de lembrar sinto o cheiro da minha bisavó, dona Bé, *sertaneza* forte e bonita, como um pé de "imburana". O projeto Vozes do Sertão nasceu da evocação desses sentimentos e a hermenêutica desta experiência me ajudou a conhecer a realidade de outros adolescentes.



(Folder produzido pela equipe de TI do colégio Paulo VI, 2018)

3.1 CANTORIA 1: PROJETO VOZES DO SERTÃO

Esta pesquisa foi realizada em uma escola da rede privada de Vitória da Conquista que nasceu em 1956 (Centro de Assistência Social Nossa Senhora), sob a inspiração dos

Frades Capuchinhos, tornando-se Colégio Paulo VI, com a finalidade de atender, principalmente, a grande demanda dos moradores do Bairro Brasil. A principal finalidade era possibilitar e dar continuidade aos estudos especialmente dos moradores desta Zona Oeste da Cidade. A instituição oferece o Ensino desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, contemplando todo o percurso de Formação Básica.

Um importante registro é que a escolha da referida escola para a realização dessa pesquisa se deu principalmente pelos laços afetivos que foram sendo construídos ao longo da minha formação básica, uma vez que o meu trajeto como aluno dessa instituição contemplou desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (2003). Após concluir a minha graduação em geografia na Universidade Estadual da Bahia, no ano de 2016, eu começo a minha carreira profissional como professor dessa escola, atuando nas turmas do 9º ano do ensino fundamental e 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. Desde então, inspirado pelos projetos culturais que foram realizados na escola, em espacial o projeto idealizado por mim, Vozes do Sertão, que trata de uma homenagem a Luiz Gonzaga, Ariano Suassuna e Elomar Figueira Mello, que nos possibilitou identificar a necessidade de apresentar aos jovens a preciosa obra desses artistas, que em muito contribuíram e ainda contribuem para a memória e vida da cultura brasileira, nordestina, regionalizada. Assim, esta pesquisa emerge de uma experiência vivida que nos revelou uma atenção desinteressada dos jovens, principalmente, pelas obras do cancioneiro conquistense Elomar Figueira Mello. Os jovens, aproximadamente 100 alunos do ensino médio, quase a totalidade, conheciam Luiz Gonzaga, uma parte, não mais que a metade, conhecia Ariano Suassuna, mas Elomar Figueira apenas 3 alunos já tinham ouvido falar. Confesso que a minha tristeza só não veio acompanhada do espanto por saber da interação com o mundo cultural dos jovens: O nosso conterrâneo, Elomar, um desconhecido! Motivado por essa experiência fizemos deste projeto escolar uma oportunidade de aproximar os jovens às suas raízes culturais, permitindo o resgate, o reconhecimento e o valor de uma cultura regional que está viva e que para além de tudo educa o espírito humano. E foi com poesia que iniciamos esse projeto, que também apresenta os aspectos de humanização presentes nas obras de Elomar.

Do rasgo da Terra,
A dor, a esperança, a gratidão.
Do coração de três poetas,
As Vozes do Sertão.

(Lincoln Lafitte, 2018)

O que propomos com As Vozes do Sertão foi educar os sentidos com a Aura de três poetas que só cuidaram de levar alegria e beleza para o nosso povo. A evocação desses sentimentos foi registrada na memória, nos afetos, no ambiente escolar e materializado em mais de 90gb de produção em vídeo. Os jovens produziram entrevistas com artistas da nossa terra que fazem ecoar a obra do Cancioneiro Elomar. Destacamos Eugênio Avelino, popularmente conhecido como Xangai, e o Maestro João Omar, filho de Elomar. Sem a contribuição desses artistas o projeto não teria o significado tão espacial na vida dos jovens e na do professor que escreve estas linhas.

(Colégio Paulo VI, 28 de janeiro de 2019, Xangai e Lincoln)

3.2 CANTORIA 2: EVOCAÇÃO DE SENTIMENTOS

O mundo *sertanezo* é povoado por pastores, cavaleiros, vaqueiros em lugares misteriosos que mexem com o nosso imaginário. As canções de Elomar evocam sentimentos e histórias adormecidas, dando voz a um povo que é contador de memórias.

Eugênio Avelino, o nosso Xangai, é um dos grandes cantadores e contadores de *causos*, e o maior responsável por evocar nos jovens que fizeram parte do projeto Vozes do Sertão imagens de humanização que os ajudaram a valorizar essa cultura regional que está viva e que merece ser apreciada.

Recordo-me com emoção da fala de um aluno: *"sabe, professor, ter sido recebido na casa de Xangai pra fazer a entrevista foi tudo pra mim, e o que mais me chamou a atenção foi a simplicidade do cara, pois ele passou um café pra nós".* Esse registro para mim que sou professor não pode ser descrito, o sinto como se toda essa dissertação coubesse nela.

O projeto Vozes do Sertão apresentou aos jovens aspectos de humanização presentes nas obras de Elomar: a esperança, a fé e a simplicidade do povo sertanês, além da relação com a terra, o sofrimento dos retirantes e a resistência ao reivindicar à valorização da cultura regional. A nossa identidade de povo nordestino, sertanês, humano, sendo apreciada em plena "era dos grandes equívocos", do culto às nulidades, que se traduz nas investidas obscuras do capitalismo. O que Elomar apresenta para esse mundo são histórias, canções, impressões de um sertão profundo e poético que me inspira:

Lá no Sertão
Do chão que brota a esperança,
Cresce a fé do povo...
Na dificuldade, a temperança
No tempo, a aventurança
Em Tudo, a Oração.

(Lincoln Lafitte, 2018)

O que eu posso dizer ao leitor é que o maior valor dessa dissertação, na minha opinião, está no princípio inteligente da simplicidade de educar. A música e a poesia expressas na cultura regionalizada através da obra elomariana é o que há de mais belo no Sertão e no coração do Sertanês. Transmitir essa essência cultural para os jovens é tão preciosa quanto a chuva que faz florescer no Sertão.

"Mandacaru quando fulora na seca
É um sinal que a chuva chega no sertão."

(O xote das meninas, 1953, Luiz Gonzaga e Zé Dantas)

3.3 CANTORIA 3: QUESTIONÁRIOS E A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A fim de ampliar as possibilidades de melhor entender a situação do ambiente escolar, nos apoiaremos em um sumário com seis itens pelo qual Moreira (2002) aborda as características básicas da pesquisa qualitativa, a seguir: 1) A interpretação como foco. Nesse sentido, há um interesse em interpretar a situação em estudo sob o olhar dos próprios participantes; 2) A subjetividade é enfatizada. Assim, o foco de interesse é a perspectiva dos informantes; 3) A flexibilidade na conduta do estudo. Não há uma definição a priori das situações; 4) O interesse é no processo e não no resultado. Segue-se uma orientação que objetiva entender a situação em análise; 5) O contexto como intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência; e 6) O reconhecimento de que há uma influência da pesquisa sobre a situação, admitindo-se que o pesquisador também sofre influência da situação de pesquisa.

Diante dessas peculiaridades elencadas da pesquisa qualitativa, entendemos que essa metodologia promoverá meios eficazes para a composição dessa pesquisa, assim como para a elaboração de relatórios, conclusões ou (in) conclusões da pesquisa.

Os procedimentos técnicos que serão utilizados para coleta de dados obedecerão três passos: (1) Conhecer a história de vida dos alunos, identificando através das suas memórias mais antigas o repertório cultural que foi transmitindo pela família. Assim, entenderemos o contexto familiar como intimamente ligado ao comportamento dos jovens na formação da experiência; (2) Perceber se os jovens identificam nas criações da indústria cultural os elementos que influenciam os sentidos, a sua existência, e a sua relação com o mundo. O reconhecimento dessa influência aponta para o significado que os jovens atribuem à sua realidade; (3) Identificar se a aproximação dos jovens com a cultura regionalizada pode educar no sentido de humanizar os sujeitos. Tal aproximação pode permitir aos alunos criar uma visão de mundo, transformando-o, ampliando-o para o presente e para o futuro.

Desta forma, objetiva-se mapear elementos de humanização através das composições e como os jovens recepcionam essa ideia, isto é, quais as resistências disparadas e os processos normativos. Isto posto, utilizaremos o desenvolvimento de um grupo focal, uma vez que essa técnica de pesquisa qualitativa permite realizarmos uma análise e um diálogo através das respostas obtidas com os alunos da turma do 2º ano do

ensino médio. Essa série foi escolhida obedecendo o componente curricular que trata de assuntos que estão em consonância com os objetivos desta pesquisa, tais como: Cultura e Sociedade; Diversidade cultural; Antropologia e Cultura; Arte, Cultura e Sociedade; Multiculturalismo e diversidade cultural.

> [...] "todos nós podemos nos abrir para uma finalidade que nos projeta para além do estabelecido e isto implica perceber-se como pertencente às condições postas pela existência humana". [...] (CESTARI, L. A. S. 2011)

Numa busca por aspectos da humanização presentes nas obras de Elomar Figueira Mello resgatamos valores de uma cultura regionalizada que educa. Através desse mapeamento identificamos as canções que despertavam nos jovens a vontade de aproximação com as composições do cancioneiro. Agora, eles estavam imersos na produção do imaginário elomariano, resgatando valores das tradições regionais que até então haviam sido ofuscadas pelas investidas obscuras do capitalismo cultural. O objetivo dessa relação com as vozes do sertão não foi ode produzir uma ruptura entre duas culturas, regionalizada-massificada, mas de apresentar a esses jovens a sua ligação geográfica, histórica e cultural.

Confirmamos a efetividade do projeto Vozes do Sertão após traçar uma análise entre o questionário aplicado aos alunos, que registra o nosso primeiro contato de explanação sobre o projeto, apontando as resistências disparadas, e a entrevista realizada através de um grupo focal, que permitiu identificar que a aproximação dos jovens com a cultura regionalizada pode educar no sentido de humanizar os sujeitos. Essa vivência permitiu aos alunos se abrir para uma experiência cultural para além da que lhe é imposta.

Elomar é um derramador de dádivas, canta o que ouve do seu espírito inquieto. Com a sua pedagogia *sertaneza* nos ajudou a compor uma constelação de sentidos através de uma arte que nos ancora afetivamente no mundo.

3.3.1 O SERTÃO: MEMÓRIA E ORALIDADE

> [...] Sô cantador chegante,
> me adesculpe o tratamento
> Nessa hora nesse instante,

mermo aqui nesse momento
Com um canto tão significante
Sem fama sem atrevimento
Num duelo de falante
Venho de muito conhecimento
Mas pra títulos e valentia
Só traz u'a viola na mão
Falta ilustre companheiro
Marcar o lugar da porfia
Se lá fora no terreiro
Ou aqui mémo no salão [...]

(Elomar Figueira Mello, “Desafio do Auto da Catingueira”).

Em um encontro com o Professor Luiz Cestari em vinte e quatro de setembro de 2019 solicitei que ele me orientasse sobre as possíveis aproximações entre os textos trabalhados pelos professores na disciplina Educação, Linguagem e processos de subjetivação, com o meu tema de pesquisa, Educação e cultura regionalizada: os aspectos da humanização presentes nas obras de Elomar Figueira Mello a fim de que as referências trabalhadas pelos professores ao longo do primeiro semestre pudessem ser utilizadas na minha dissertação. Por isso aproveito para registrar a minha gratidão aos meus professores Anderson Carvalho e Daniele Freire pelas contribuições que trouxeram anotações enriquecedoras, que em um primeiro momento me pareciam aleatórias mas que diante da contribuição coletiva dos três professores citados encontram-se num movimento contínuo de conexões e sentidos.

Estudar a obra elomariana é mergulhar no universo rural do sertanejo nordestino; é estar diante de uma cultura oral e popular que se impõe em suas canções para contar as histórias do povo humilde do sertão, seus animais, sua estética.

Segundo Ester Maria:

> A obra elomariana apresenta grandiosidade comparável à da obra de Guimarães Rosa, a sua grande matriz oral, apresenta singularidades que a credencia como um acervo de toda a humanidade. É a oralidade, materializada na conversa e transposta para seus escritos em dialetos sertanejos, em estilo barroco, visto a constante inversão de elementos sintáticos e a verbalização de termos latinos e de outras línguas antigas (ESTER MARIA, 2018, p 24).

Não sei se os personagens das canções de Elomar, Zefinha, João ou Cavaleiro de São Joaquim eram alfabetizados, mas aprendi que um nível mais aprofundado de cultura pode ser alcançado sem mesmo ter acesso à alfabetização. A ideia de letramento parte da

noção de que todos nós somos letrados, uma vez que vivemos em uma cultura letrada, embora não sejamos todos alfabetizados. A interação humana o tempo todo com os processos de letramento da sociedade onde é produzida uma discursividade desse lugar faz com que algumas pessoas na sociedade possam ter essa profundidade de relação com a cultura e com os processos de produção de uma experiência mesmo que elas não sejam alfabetizadas. Exemplo são os casos das narradoras de memórias (Patativa do Assaré), os repentistas, os cordelistas, entre outros exemplos de culturas memoriais. Elomar é também um mestre na arte da memória.

> Ele se apropria de formas, temas, linguagens e símbolos de um passado que escolhe, que faz renascer nas letras e nos sons, e lhe fornece sentido no mundo contemporâneo, sem com isso pretender traduzir a realidade. Parafraseando Le Goff, a literatura, como a arte, não produzida para descrever a realidade, não a "reflete", mas dela faz parte. É a sua triste metade da sombra, seu grito de angústia, seu esforço para se acalmar. É, ao mesmo tempo, desafio e reação (ESTER MARIA, 2018, p 42).

Parafraseando a escritora Ester Maria, transparecem nesta pesquisa o vigor e a unidade da composição do gênero narrativo, quer na oralidade, quando das palestras dos historiadores, quer no canto e na cantiga elomariana, quando do Concerto, na própria escrita de capítulos, que mantêm a duração da memória.

A noção de discursividade e a noção de linguagem propriamente dita em autores como Foucault e Pêcheux, apontam que a linguagem não é uma representação do que falo, ela é uma intervenção no mundo uma vez que a linguagem funciona para reter os regimes de impositividade daquilo que pode ser dito ou não dito numa realidade. Segundo Fiorin (2007), "O indivíduo não fala e não pensa o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale" (FIORIN, 2007, p.43). Sobre a linguagem, Ferreira descreveu em sua dissertação Corpo e Poesia:

> A linguagem não se repete e nem se mostra na sua totalidade, ela escorre e se esconde como pequenos rios que fluem dos grandes rios e se ocultam dentro da floresta. É exatamente por não se repetir da mesma maneira que a linguagem apresenta as variadas formas de se mostrar ao mundo. A linguagem não escolhe um fim já pronto para mostrar a sua realidade. Ela surge como um rio de dentro da montanha e vai construindo suas significações a cada momento que passa e se revela (FERREIRA, p. 64)

Quando uma pessoa expressa a sua profundeza de alma, a sua cultura e a sua relação com o mundo com palavras que não são aceitas como literatura mas que caminha por uma marginalidade, ela está fazendo uma afirmação ao utilizar a linguagem para agir

no mundo, uma vez que a palavra não é somente uma forma de representação, mas de intervenção contra uma certa compreensão do que seja cultura. e então, compreendemos que essa marginalidade é uma reação. Nessa perspectiva identifica-se uma confluência com o pensamento de Deleuze, uma vez que traz uma noção de multiplicidade, de um plano de imanência. Todo plano de imanência é uma multiplicidade da possibilidade de estar em seu lugar, na sua imanência e afirmando alguma coisa no mundo.

Os autores no pós-estruturalismo vão pesquisar não só o centro, mas os limites das coisas, portanto, as culturas marginais sempre foram de interesse desses autores, uma vez que objetivam ver por dentro da sociedade como outras experiências vão sendo vivenciadas e não aquela do centro do mundo, do capital. Elomar é desses autores que extraem a beleza vivente na alma *sertaneza*, dando voz a esse povo:

> Não há como deixar de considerar a conversa como um mote para compor um apontamento para uma poética de perfil elomariano [...]. Fica, então, a possibilidade de se considerar a matriz da oralidade, a ancestralidade de sua narrativa, embebida em medievos e sertões, a preservação e a regularidade dos temas em seu cancioneiro, nas suas palavras (ESTER MARIA, 2018, p 42).

Parafraseando Ester Maria, “a natureza inquieta de Elomar revela em sua obra a necessidade de afirmação da autoridade moral dos povos ancestrais, adivinha-se a importância da cultura oral na conformação da verdade assimilada em sua dimensão mais trágica”:

Minha vó contô
Quano meu avô morreu
Didinha contô
Quano vovô morreu
Qui foi triste aquela função
Lá na Cabicêra
Qui dessanta,
A burrega marrã
Foi encontrada
Num canto do terrêro
Juntoc’unsviolêro

Mortos naquela manhã[4].

O mundo é múltiplo e a cultura regionalizada é belíssima. Não precisamos viver essa cultura que está estabelecida, podemos viver outras, embora tudo dependa do nosso projeto de subjetividade. Assim, entendemos que o mundo da representação é extremamente amplo; o que por sua vez está presente em toda e qualquer ação cognitiva. Em confluência com essa colocação Deleuze propõe um conceito filosófico de mapa cognitivo que pode ser exemplificado da seguinte forma: o capital usa determinadas representações do mundo para gerar nos sujeitos determinados desejos, assim, instrumentalizando-o. Desta forma, percebemos como a própria cultura é instrumentalizada pelo sistema; projeta um conjunto de desejos por meio desses mapas que nos levam a produzir a vida em função de determinada influência enquanto achamos que estamos construindo a nossa própria liberdade. Ledo engano, estamos apenas nos adaptando a ela.

Confrontar o que nos é imposto, comparar ou colocar em paralelo, é um procedimento básico de análise dos estudos culturais na contemporaneidade que nos conduz a refletir diante de tudo que nos emudece face a esse produto cultural que nos é imposto. O exercício da comparação entre a cultura massificada e a cultura regionalizada ajuda a colocar em relevo procedimentos, abordagens, estilos diferentes que permitem separar uma arte que é ao mesmo tempo ancestral e atemporal de outra que é comercial, apenas.

3.3.2 DOS CONFINS DO SERTÃO: O VIOLEIRO ELOMAR E OS ASPECTOS DA HUMANIZAÇÃO PRESENTES NAS OBRAS

Apresentamos o violeiro Elomar através de um trecho de uma fala do ilustre poeta-compositor carioca, Vinícius de Morais (o poetinha):

> Pois assim é Elomar Figueira de Melo: um príncipe da caatinga, que o mantém desidratado como um couro bem curtido, em seus trinta e quatro anos de vida e muitos séculos de cultura musical, nisso que suas composições são uma sábia mistura do romanceiro medieval, tal como era praticado pelos reis-cavaleiros e menestréis

[4] Trecho de “Violas da morte”, movimento final da ópera de cordel Auto da Catingueira, de E. F. Mello.

> errantes e que culminou na época de Elizabeth, da Inglaterra; e do cancioneiro do Nordeste, com suas toadas e terças plangentes e suas canções de cordel, que trazem logo à mente os brancos e planos caminhos desolados do sertão, no fim extremo dos quais reponta de repente um cego cantador com os olhos comidos pelo glaucoma e guiado por um menino-anjo, a cantar façanhas de antigos cangaceiros ou "causos" escabrosos de paixões espúrias sob o sol assassino do agreste. (...) E... quem sabe não vai ser lá, no barato das galáxias e da música de Elomar, que eu vou acabar amarrando um bode definitivo e ficar curtindo uma de pastor de estrelas... (Vinícius de Moraes, abril de 1973 - Apresentação no disco Biografia Discografia. Elomar... das Barrancas do Rio Gavião - 1973 - Philips).

Mais uma apresentação externa de Elomar:

> Elomar concentra em si séculos de cultura que o sertão soube processar a partir da tradição ibérica, e que entre nós se aclimatou, misturou, amalgamou-se para formar a face mais profunda dos sentimentos nordestinos. Quando canta sua aldeia, Elomar retrata antes de tudo a condição humana, os temas essenciais que fazem a grande arte: a vida, a morte, o amor, o sofrimento, a esperança e o incomensurável. As paisagens sertânicas, tão bem descritas em suas canções, são, antes de tudo, o palco para que as forças primordiais que regem o drama da existência possam se manifestar em toda sua plenitude. A seca como provação, a fartura "nas águas" como renovação do ciclo da vida se integram, como pólos diferentes, o mesmo tempo de espera e expiação. Movido pela necessidade interior de retratar com maior densidade o drama da existência, e, especialmente, a busca constante do diálogo humano com a divindade, Elomar Figueira Mello foi se aproximando cada vez mais da cultura erudita, da música de concerto. Porém, aqui mais uma vez se manifesta a genialidade do criador: não se trata de imitar as formas já estabelecidas por seus grandes irmãos em arte como Palestrina, Bach, Mozart ou Bethoven. As suas óperas, as suas cantatas, tomam novamente como matéria-prima os seus próprios elementos culturais, a pátria do sertão. É o trânsito do sertanejo na diáspora, seu sonho, suas esperanças. São os peregrinos errantes, arrancados da sua terra, em busca de paz e pão. É a nossa própria tragédia cotidiana. (Cézar Lisboa - In Elomar Figueira Mello: o canto mágico do sertão. – O autor é Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB)

O violeiro Elomar nasceu em 21 dezembro de 1937 na Fazenda Boa Vista, de formação cristã, herança de suas avós "mãe Neném" e "Maricota" que lhe proporcionaram os primeiros contatos com a música, que ocorreram nos cultos religiosos. Em sua extensa obra, Elomar faz citações sobre a Virgem Maria e sobre os Santos, assim como passagens do Velho Testamento.

Elomar afirma a existência de uma identidade cultural própria aos povos *sertânicos* (vocábulo usado por Elomar para falar dos povos que habitam o sertão), nos convidando a uma reflexão sobre a experiência cotidiana do povo sertanês na linguagem própria da poesia e do canto. Suas composições falam da ordenação do tempo, do trabalho na caatinga afetado pela chegada da chuva, das transformações que o sertão vem sofrendo, bem como a ida do sertanês para os centros urbanos. Ele também evoca a presença e a

ação das criaturas que coexistem nesse espaço cultural e geográfico genuinamente brasileiro. Elomar abriga e faz semear as memórias e reflexões dos povos do sertão contando sobre as mazelas e sobre a fuga desordenada e rápida das conquistas da vida terrena, mas para além disso, Elomar dá voz ao sertanês e confere dignidade literária ao seu falar. Na suas palavras:

> Minha obra não é medieval. Apenas partir da Idade Média para chegar à contemporaneidade, evitando dar sequência à escalada – Idade Média, Renascença, Classicismo, Romantismo, Modernismo, Pós-Modernismo e Contemporanismo – o que todos os artistas de todas as áreas, em todos os lugares e em todos os tempos fizeram. Minha música é contemporânea. Canto o que vejo, o que ouço (o que escuto de quadras remotas). A grande confusão que fazem, quando se trata dela, é que poucos atentos perceberam que, ao mesmo tempo, que falo do momento também o faço do que foi e do que será, do passado, do por vir. Meu canto é ancestral e ao mesmo tempo atemporal. (ESTER MARIA, 2018, p 24).

A música de Elomar representa um valioso marco para a cultura do nosso país, a sua originalidade é incontestável e o seu alcance é de uma sensibilidade que toca no íntimo de nossa alma. Das Barrancas do Rio Gavião (álbum, 1972), as composições que deram voz a Zefinha, Joana Flor das Alagoas, Cavaleiro do São Joaquim. A travessia por suas Cartas Catingueiras (álbum,1983) é uma experiência com as estradas do sertão e as histórias de vaqueiros, donzelas, cavaleiros e peões. Essas histórias são pouco conhecidas, principalmente por jovens. Aproximá-los das obras do compositor Elomar pode ser para eles uma experiência capaz de sensibilizar o espírito humano além de reafirmar a identidade do lugar onde vivem.

> A produção literária, como a música, de Elomar revela e acentua tensões. Tensões entre cidade e campo, modernidade e tradição, universalidade e particularismos, que o poeta incorpora e transforma em composições textuais e registros sonoros. Jogando com essas tensões, Elomar reafirma a identidade própria ao seu lugar de enunciação e, ao mesmo tempo, se autodefine. (ESTER MARIA, 2018, p 42).

Essa autodefinição é registrada por Ester quando em uma mesa de café conversava com o Violeiro, assim descreve a autora:

> Elomar Figueira Mello em seu histórico Biográfico Intervivus[5] se apresenta como um roçaliano, que compôs a luz do fifó suas primeiras obras e, na beira de seus sessenta anos, nos anos de 2004, me confessou que tem que escrever sem perda de tempo,

[5] Expressão criada por Elomar Figueira Mello

> porque vastidão e imensidão são a sua obra. O (seu) tempo já declina pela tarde e objetiva-se registrar suas composições (ESTER MARIA, 2018, p 18).

A música desse violeiro educa os sentidos pois convida para a apreciação de uma beleza que por inúmeras vezes nos escapa. Na música Joana Flor das Alagoas (álbum, Das Barrancas do Rio Gavião, 1973), Joana é convidada a levantar-se para ver o trovão, as águas, as flores, a chuva caindo, os bichos cantando e cantigas de amor.

Joana flor das alagoa
Se alevanta e vem vê
O truvão longe ressôa
Tiranas de bem querer

Joana flor das alagoas
Olha como Deus é amô
Encheu d'água as alagoa
Sem flor, em flor

Joana flor das açucena
Teus olhos têm pena ver tanta beleza
Sem ninguém pra ver
Olha a noite vai cresceno e a chuva caino
E as lagoa encheno e os bicho cantano
Cânticas de amô

E só você durmino
Oh, Joana em flor
Ai, Joana em flor
Ai saudade lá nos brejos

As Saracuras canta
Fais tempos que num vejo
Nessa terra santa umas coisa assim

Joana se alevanta todas as açucena
Meus olhos tem pena ver tantas beleza
Ninguém, pra ver...
Louvado nosso sinhô, que ouviu minha oração

E nessa noite chorô
A chuva no meu sertão
Joana, vem ver, os sapinho tão cantano
Tiranas de bem querer

A música de Elomar humaniza, pois fala de coisas lindas: das cantigas de amigos e de um amor que não tem fim, Conta sobre brincar e cantar a beira de uma fogueira,

como esse momento com a família é maneiro. A música A Função (álbum, Dos Confins do Sertão, 1986), traz um olhar valioso sobre a socialização com amigos e familiares.

Vem João
trais as viola siguro na mão
pega a mandurêba atiça os tição
carrega pru terrêro os banco e as cadêra
e chama as minina prá rodá o baião
Nós dois sentado junto da foguêra
vamo fazê a nossa brincadêra e cantá
a lijêra moda de lovação
em homenagem ao nosso São João
e prá acabá cum a saudade matadêra
você canta lijêra, canto moirão
você canta lijêra, canto moirão

ai meu São João, lá das aligria
ai meu São João, lá das aligria
a saudade cada dia mais me doi no coração

Vem João, vamo meu bichin cantá o moirão
tem um bicho roeno o meu coração
cuano eu era minino a vida era manêra
não pensava na vida junto da foguêra
brincano cun's irmão a noite intêra
sem me dá qui êsse tempo bom
havéra de passá
e a saudade me chegá essa féra
quem pensá qui êsse bicho é da cidade
s'ingana a saudade nasceu cá no Sertão
na bêra da foguêra de São João
na bêra du'a foguêra de São João

ai meu São João, lá das aligria
ai meu São João, lá das aligria
a saudade cada dia mais me doi no coração

Há diversas composições de Elomar que retratam a vida dos retirantes, daqueles que não têm nada além da graça e da força da vida. A mensagem em sua música desprende virtudes de fé e esperança, por isso educa e humaniza ao mesmo tempo que revela os valores do espírito humano.

Vô corrê trecho

Vô percurá u'a terra preu pudê trabaiá

Pra vê se dêxo

Essa minha pobre terra véia discansá
Foi na Monarca a primeira dirrubada
Dêrna d'intão é sol é fogo é tái d'inchada
Me ispera, assunta bem
Inté a bôca das água qui vem
Num chora conforma mule
Eu volto si assim Deus quisé
Tá um apêrto
Mais qui tempão de Deus no sertão catinguêro
Vô dá um fora
Só dano um pulo agora in Son Palo Triang'Minêro
É duro môço êsse mosquêro na cozinha
A corda pura e a cuia sem um grão de farinha
A bença Afiloteus
Te dêxo intregue nas guarda de Deus
Nocença ai sôdade viu
Pai volta prás curva do rio
Ah mais cê veja
Num me resta mais creto prá um furnicimento
Só eu caino
Nas mão do véi Brolino mêrmo a deis por cento
É duro môço ritirá prum trêcho alêi
C'ua pele no osso e as alma nos bolso do véi
Me espera, assunta viu
Sô imbuzêro das bêra do rio
Conforma nun chora mulé
Eu volto se assim Deus quisé
Nem dêxa o rancho vazio
Eu volto prás curva do rio

(Na Quadrada das Águas Perdidas, 1979; Curvas do rio, Elomar)

Ainda sobre a canção ‘Curvas do Rio’, há uma tela de Orlando Celino que foi capa do LP Na quadrada das águas perdidas. O pintor retrata o momento em que um pai se despede da sua família. O cenário é marcado pela seca, pelo castigo da fome e pela tentativa desse homem em “corrê trecho pros chão” de São Paulo. ‘Curvas do Rio’ é uma música que inspira amor e coragem.

‘A pergunta’ é uma música belíssima construída com base no dialeto sertanês. Traz uma mensagem desalentada, de uma amarga denúncia social das condições de vida do sertão. A relação da poética de Elomar com a situação política, econômica e social revela aos seus apreciadores aspectos de conscientização.

Vô corrê trecho
Vô percurá u'a terra
preu pudê trabaiá
prá vê se dêxo
essa minha pobre terra
véia discansá

foi na Monarca
a primeira dirrubada
dêrna d'intão é sol é fogo
é tái d'inxada
me ispera, assunta bem
inté a bôca das água qui vem
num chora conforma mulé
eu volto se assim Deus quisé
Tá um apêrto
mais qui tempão de Deus
no sertão catinguêro
vô dea um fora
só dano um pulo agora
in Son Palo Tring'Minêro
é duro môço
êsse mosquêro na cozinha
a corda pura e a cuia sem
um grão de farinha
A bença Afiloteus
te dêxo intregue
nas guarda de Deus
Nocença ai sôdade viu
pai volta prás curva do rio
Ah mais cê veja
num me resta mais creto
prá um furnicimento só eu caino
nas mãos do véi Brolino
mêrmo a deis pur cento
é duro môço
ritirá prum trecho alei
c'ua pele no osso e as alma
nos bolso de véi

me ispera, assunta viu
sô imbuzêro das bêra do rio
conforma num chora mulé
eu volto se assim Deus quisé
num dêxa o rancho vazio
eu volto prás curva do rio.

(Na Quadrada das Águas Perdidas, 1979; A pergunta, Elomar)

Elomar se retrata como "trovador erudito do sertão", essa autoimagem descreve como a sua arte mescla elementos medievos-renascentistas, eruditos, regionais, ibéricos, entre outros. A amplitude de sua obra atravessa a porteira de sua cantoria, há um universo literário, histórico, geográfico, filosófico e mitológico criado por ele. Desvendar esse universo e apresentá-los aos jovens é o que se espera, em especial, dos professores das ciências humanas. Assim entendemos por se tratar de um conjunto de disciplinas capazes de promoverem a descoberta do significado da cultura humana. Nesse sentido, apresentamos algumas canções que podem ser trabalhadas pelos professores de humanas, e quais os conteúdos contemplados a partir dessas composições. Torna-se imperioso frisar que nos atentaremos apenas às disciplinas de Geografia, Filosofia e Sociologia por se tratar das disciplinas que *eu* leciono no Colégio Paulo VI, além disso, é importante registrar que os conteúdos apontados compõem apenas a componente curricular da turma do 2º ano do ensino médio. A seguir, iniciaremos a nossa análise pelas músicas: Campo Branco; A meu Deus um canto novo.

Nas canções 'Campo Branco' e 'A meu Deus um canto novo', do disco **Na quadrada das águas perdidas** (Mello, 1979), Elomar ressalta um aspecto importante da sua obra que permeia por completo o seu fazer poético-musical: o aspecto religioso. Através dessas composições é possível trabalhar na disciplina de filosofia conteúdos tais como: Idade Média: A formação do homem de fé; Patrística; A teoria da iluminação; Escolástica. Esses conteúdos tratam, em termos de conhecimento, tudo o que foi produzido durante a Idade Média, uma vez que tinha como foco orbital a fé cristã. Tanto a Patrística quanto a Escolástica tratam a fé e a razão como elementos na busca da felicidade e santidade. Ou seja, as músicas a seguir 'Campo Branco' e 'A meu Deus um

canto novo’ possuem alguns exemplos de influência da filosofia medieval na obra de Elomar.

Campo Branco

Campo branco minhas penas que pena secou
Todo o bem qui nóis tinha era a chuva era o amor
Num tem nada não nóis dois vai penano assim
Campo lindo ai qui tempo ruim
Tu sem chuva e a tristeza em mim
Peço a Deus a meu Deus grande Deus de Abrãao
Prá arrancar as pena do meu coração
Dessa terra sêca in ança e aflição
Todo bem é de Deus qui vem
Quem tem bem lôva a Deus seu bem
Quem não tem pede a Deus qui vem
Pela sombra do vale do ri Gavião
Os rebanhos esperam a trovoada chover
Num tem nada não tembém no meu coração
Vô ter relampo e trovão
Minh'alma vai florescer
Quando a amada a esperada trovoada chegá
Iantes da quadra as marrã vão tê
Sei qui inda vô vê marrã parí sem querer
Amanhã no amanhecer
Tardã mais sei qui vô ter
Meu dia inda vai nascer
E esse tempo da vinda tá perto de vin
Sete casca aruêra cantaram prá mim
Tatarena vai rodá vai botá fulô
Marela de u'a veis só
Prá ela de u'a veis só

(Na Quadrada das Águas Perdidas, 1979; Campo Branco, Mello)

Canção '**Ai meu Deus um canto novo**':

Bem de longe na grande viagem
Sobrecarregado para o descansar
Emergi de paragens ciganas
Pelos mãos de Elmana, santos como a luz
E em silêncio contemplo, então
Mais nada a revelar
Fadigado e farto de clamar às pedras
De ensinar justiça ao mundo pecador
Oh lua nova quem me dera
Eu me encontrar com ela
No pispei de tudo
Na quadra perdida
Na manhã da estrada
E começar tudo de novo
Topei in certa altura da jornada
Com qui nem tinha pernas para andar
Comoveu-me em grande compaixão
Voltando o olhar para os céus
Recomendou-me aos Deus
Senhor de todos nós rogando
Nada me faltar
Resfriando o amor a fé e a caridade
Vejo o semelhante entrar em confusão
Oh lua nova quem me dera
Eu me encontrar com ela
No pispei de tudo
Na quadra perdida

Na manhã da estrada
E começar tudo de novo
Boas novas de plena alegria
Passaram dois dias da ressurreição
Refulgida uma beleza estranha
Que emergiu da entranha
Dos plagas azuis
Num esplendor de glória
Avistaram u'a grande luz
Fadigado e farto de clamar às pedras
De propor justiça ao mundo pecador
Vô prossiguino istrada a fora
Rumo à istrêla canora
E ao Senhor das Searas a Jesus eu lôvo
Levam os quatro ventos
Ao meu Deus um canto novo

(Na Quadrada das Águas Perdidas, 1979; Ai meu Deus um canto novo, Mello)

Na canção 'Incelança pra terra que o Sol matou' e 'A meu Deus um canto novo', do disco **ConSertão** (Mello, 1982), Elomar desenvolve a composição inspirado na geografia e nas pessoas que habitam a região de domínio da caatinga. Como professor licenciado de Geografia (UESB 2012), acredito que ao lado das Letras Vernáculas, sejam esses os cursos que mais são contemplados pela obra elomariana. De um lado a geografia dos lugares, do outro a linguagem do povo sertanês e em tudo o Sertão. A referida composição é uma descrição belíssima das Depressões interplanálticas semiáridas do Nordeste. A letra da música é uma ótima oportunidade para aproximar os jovens da cultura regionalizada, além de revelar possibilidades de aprendizagem através da arte.

Incelança pra terra que o Sol matou

Levanto meus olhos
Pela terra seca
Só vejo a tristeza

Que desolação
Uma ossada branca
Fulorando o chão

E o passo-Rei, rei do manjar
Deu bença à Morte pra avisar
Pra os urubus de outros lugá
Que vissem logo pro jantar
Do Rei do Fogo e do luar

Do luar sizudo
Do Rio Gavião
Mais o sol malvado
Quemô os imbuzêro
Os bode e os carneros
Toda a criação
Tudo o sol queimou

É que tão as era
Já muito alcançada
A palavra veia
Reza que haverá
De chegar um tempo
Só de perdedera

Que só haverá de escapar
Burro criolo e criação
Que pra cumê levanta as mão
E que um irmão pra outro irmão
Saudava que essa pregação

Lembra que a morte
Te espera meu irmão
E o sol da má sorte
Rei da tribusana
Poupou sussarana
Carcará ladrão
Isso o sol poupou!

Mas não há de ser nada
Na função das bestas
Prurriba da festa
Perigrina a fé
Sei que ainda resta
Cururu-tetê

Na minha casa há um silenço
A tuia pura e o surrão penso

O meu cachorro amigo imenso
Deitou no chão ficou em silêncio
E nunca mais se alevantou

Inté os olhos d'água
Chorou que secou
E o sol dessas mágua
Quemou os imbuzero
Os bode e os carnêro
Toda a criação
Tudo o sol queimou
No Rio Gavião
Tudo o sol quemou
Toda a criação

(ConSertão, 1982; Incelança pra terra que o Sol matou, Mello)

'Chula no terreiro' canção do álbum Parcelada Malunga, 1980, é uma entre diversas composições em que Elomar trata sobre a questão das migrações internas. Esse tipo de mobilidade demográfica tão recorrente no Brasil desde o princípio da colonização sempre está vinculado a um fator socioeconômico. Elomar retrata em especial o êxodo rural, que consiste na saída de moradores do campo para o meio urbano, especialmente para São Paulo. Esse fenômeno migratório se manifestou intensamente no período de 1960 a 1980 e caracterizou a formação urbano-industrial brasileira, delineando as áreas repulsivas, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, e principalmente o Nordeste, motivado também pelas longas estiagens.

Chula no terreiro

Mais cadê meus cumpanhêro
Qui cantava aqui mais eu, cadê
Na calçada no terrêro, cadê
Cadê os cumpanhêro meus cadê
Cairo na lapa do mundo, cadê
Lapa do mundão de Deus, cadê
Mais tinha um qui dexô o qui era seu
Pra i corrê o trêcho no chão de Son Palo

Num durô um ano o cumpanhêro se perdeu
Cabô se atrapaiano com a lua no céu
Num certo dia num fim de labuta
Pelas Ave-Maria chegô o fim da luga
Foi cuano ia atravessano a rua
Parou iscupiu no chão pois se espantô com a lua
Ficô dibaixo das roda dos carro
Purriba dos iscarro oiano prá lua, ai sôdade
Naquela hora na porta do rancho
Ela tamem viu a lua pur trais dos garrancho e no céu
Pertô o caçulo contra o peito seu
O coração deu um pulo os peito istremeceu
Soltô um gemido fundo as vista iscureceu
Valei-me Sinhô Deus meu apois eu vi Remundo
Nas porta do céu, ai sôdade
Mais tinha um qui só pidia qui a vida fôsse
U'a função noite e dia qui a vida fôsse
Regada cum galinha vin queijo e doce
Sonhano a vida assim arriscô mêrmo sem posse
Dexano a vida ruim intão se arritirou-se
Levou-lhe um ridimúim e a festa se acabou-se, ai sôdade
Mais tinha um qui só vivia prá dá risada
Cuano êle aparicia a turma na calçada
Disia evem Fulô das alegria
Covêro da tristeza e das dori maguada
Pegava a viola e riscava u'a toada
Ispantava a tristeza ispaiava a zuada, ai
Lövava os cumpanhêro nua buniteza
Qui os pôço pru terrêro voltava a tristeza
Esse malunga alegre e de alma manêra
Tamem tinha nos peito a febre perdedêra
Se paxonô pr'u'a moça num dia de fêra
Norano qui a mucama já era cumpanhêra
De um valentão de fama e acabadô de fêra

O cujo cuano sôbe vêi feito u'a fera
Pois tinha fama de nobe e de qualquer manêra
Calô cúa punhalada a ave cantadêra
Covêro da tristeza e das dori maguada
Morreu cuma me dói dúa moda mangada
Cúa lágrima nos ói, e na bôca u'a rizada ai, sôdade
E mais cadê aquele vaquêro Antenoro
Cum seu burro trechêro e seu gibão de côro
Esse era um cantadô dos bem adeferente
Cantano sem viola alegrava a gente
No ano passado na derradêra inchente
O Gavião danado urrava valente ai sôdade
Chegô intão u'a boiada do Norte
O dono e os vaquêro arriscaro a sorte
O risultado dessa travissia
Foi um sucesso triste, Virge-Ave-Maria
O risultado da bramura foi
Qui o ri levô os vaquêro o dono os burro e os boi ai sôdade
Derna dintão Antenoro sumiu
Dos muito qui aqui passa jura qui já viu
Na Carantonha, na serra incantada
Pelas hora medonha vaga u'a boiada
O trem siguino um vaquêro canôro
A tuada e o rompante jura é de Antenoro
Ah, ah, ah, ah, ê boi
Ê ê boi lá ê boi lá ê boi lá

(Parcelada Malunga, 1980; Chula no Terreiro, Mello)

A relação da disciplina de sociologia com a obra de Elomar ultrapassa a análise das canções, pois aponta para a discussão de temas que são amplamente denunciados nesta pesquisa, tais como: Cultura e ideologia; Cultura de massa e cultura popular; Contracultura; A comunicação e as redes sociais; A transmissão de cultura pelo processo educativo.

Concordamos que a indústria cultural e os meios de comunicação de massa existem para mascarar a realidade e manipular o olhar dos jovens para o culto às nulidades. O entendimento dessa manobra dever ser amplamente discutido no ambiente escolar a fim de despertar e manter o acesso a nossa cultura regionalizada.

A obra elomariana se desdobra em valores estéticos e morais ao resgatar histórias de uma cultura *sertaneza* que está em vias de extinção. Os temas de suas canções giram em torno do cotidiano da vida rural onde são apresentados temas que falam da natureza, das festas populares, do folclore regional, do amor, da religiosidade, e, claro, também falam de questões sociais, tais como a seca, a fome e os retirantes. Todos esses temas compõem os principais conteúdos curriculares das disciplinas de humanas, portanto, surgem como fonte de aprendizagem a ser apresentado pelos professores aos seus alunos, aproximando e oferecendo um novo paradigma para a cultura regionalizada do nosso país.

Foi a partir dessa percepção que *eu* passei a compartilhar com os alunos as músicas que fizeram e fazem parte da minha vida. Desde menino a minha alma vibrava em sintonia com a música de Luiz Gonzaga, Dominguinhos, Santanna ('o cantador'), Elomar, Xangai, Sérgio Reis, Almir Sater, e outros tantos que fazem com que a experiência de estar nesse mundo seja mais leve e bonita. O que eu fiz foi declamar as dádivas desses cantadores e perceber que a intenção da poesia alcançava a sensibilidade dos alunos. Recordo-me com muita alegria do primeiro dia de aula quando habitualmente entro em sala declamando o **Poema da Gratidão**, da poetiza baiana Amélia Rodrigues que diz:

Muito obrigado Senhor!
Muito obrigado pelo que me deste.
Muito obrigado pelo que me dás.

Obrigado pelo pão, pela vida, pelo ar, pela paz.
Muito obrigado pela beleza que os meus olhos veem no altar da natureza.
Olhos que fitam o céu, a terra e o mar
Que acompanham a ave ligeira que corre fagueira pelo céu de anil
E se detém na terra verde, salpicada de flores em tonalidades mil.

Muito obrigado Senhor!
Porque eu posso ver meu amor.
Mas diante da minha visão

Eu detecto cegos guiando na escuridão
que tropeçam na multidão
que choram na solidão.

Por eles eu oro e a ti imploro comiseração
porque eu sei que depois desta lida, na outra vida, eles também enxergarão!

Muito obrigado Senhor!
Pelos ouvidos meus que me foram dados por Deus.
Ouvidos que ouvem o tamborilar da chuva no telheiro
A melodia do vento nos ramos do olmeiro
As lágrimas que vertem os olhos do mundo inteiro!

Ouvidos que ouvem a música do povo que desce do morro na praça a cantar.
A melodia dos imortais, que se houve uma vez e ninguém a esquece nunca mais!
A voz melodiosa, canora, melancólica do boiadeiro.
E a dor que geme e que chora no coração do mundo inteiro!

Pela minha alegria de ouvir, pelos surdos, eu te quero pedir
Porque eu sei
Que depois desta dor, no teu reino de amor, voltarão a sentir!

Obrigado pela minha voz
Mas também pela sua voz
Pela voz que canta
Que ama, que ensina, que alfabetiza,
Que trauteia uma canção
E que o Teu nome profere com sentida emoção!

Diante da minha melodia
Eu quero rogar pelos que sofrem de afazia.
Eles não cantam de noite, eles não falam de dia.

Oro por eles
Porque eu sei, que depois desta prova, na vida nova
Eles cantarão!

Obrigado Senhor!
Pelas minhas mãos
Mas também pelas mãos que aram
Que semeiam, que agasalham.
Mãos de ternura que libertam da amargura
Mãos que apertam mãos
De caridade, de solidariedade
Mãos dos adeuses
Que ficam feridas
Que enxugam lágrimas e dores sofridas!

Pelas mãos de sinfonias, de poesias, de cirurgias, de psicografias!
Pelas mãos que atendem a velhice
A dor
O desamor!
Pelas mãos que no seio embalam o corpo de um filho alheio sem receio!
E pelos pés que me levam a andar, sem reclamar!

Obrigado Senhor!
Porque me posso movimentar.
Diante do meu corpo perfeito
Eu te quero rogar
Porque eu vejo na Terra
Aleijados, amputados, decepados, paralisados, que se não podem movimentar.

Eu oro por eles
Porque eu sei, que depois desta expiação

Na outra reencarnação
Eles também bailarão!

Obrigado por fim, pelo meu Lar.
É tão maravilhoso ter um lar!
Não é importante se este Lar é uma mansão, se é uma favela, uma tapera, um ninho, um graveto de dor, um bangalô, uma casa do caminho ou seja lá o que for.

Que dentro dele, exista a figura
do amor de mãe, ou de pai
De mulher ou de marido
De filho ou de irmão
A presença de um amigo
A companhia de um cão
Alguém que nos dê a mão!

Mas se eu a ninguém tiver para me amar
Nem um teto para me agasalhar,
nem uma cama para me deitar
Nem aí reclamarei.
Pelo contrário, eu te direi

Obrigado Senhor!
Porque eu nasci!
Obrigado porque creio em ti
Pelo teu amor, obrigado senhor!
(Sol de Esperança – Poema da Gratidão, Rodrigues)

Levo cerca de cinco minutos declamando esse poema e o mais engraçado é que após concluir eles aplaudem e alguns perguntam impressionados: “professor, como conseguiu decorar isso tudo?” e eu sempre os respondo com duas perguntas: “que tal aprender geografia assim?” “Querem ouvir a minha história?”

Vou cantá no cantori primero
As coisa lá da minha mudernage
Que me fizero errante e violêro
Eu falo sério e num é vadiage
E pra você qui agora está mi ovino
Juro inté pelo Santo Minino
Virge Maria qui ouve o que eu digo
Se fô mintira mi manda um castigo

Ah, pois pro cantadô e violero
Só há treis coisa nesse mundo vão
Amor, furria, viola, nunca dinheiro
Viola, furria, amo, dinheiro não

Cantadô de trovas e martelo
De gabinete, lijêra e moirão
Ai, cantado já curri o mundo intero
Já inté cantei nas portas de um castelo
Dum rei que si chamava de Juão
Pode acriditá meu companhero
Dispois di tê cantado o dia intero
O rei me disse fica, eu disse não

Se eu tivesse de vivê obrigado
Um dia I antes desse dia eu morro
Deus feiz os homi e os bicho tudo fôrro
Já vi escrito no livro sagrado
Que a vida nessa terra é uma passage
Cada um leva um fardo pesado
É um ensinamento qui desde a mudernage
Eu trago bem dentro do coração guardado

Tive muita dô de num ter nada
Pensano qui esse mundo ia tudo tê
Mais só dispois de pená pela estrada
Beleza na pobreza é que vim vê
Vim vê na procissão do Louvado-Seja
E o assombro das casa abandonada
Côro de cego na porta das igreja
E o êrmo da solidão das estrada

Pispiano tudo do cumêço
Eu vô mostrá como faiz um pachola
Que enforca o pescoço da viola
E revira toda moda pelo avêsso
E sem arrepará se é noite ou dia
Vai longe cantá o bem dal furria

Sem um tostão na cuia, o cantadô
Canta até morrê o bem do amor

(Das barrancas do rio gavião, 1973; O violeiro, Mello)

Essas histórias que florescem sobre a caatinga e o povo sertanês desaguam como canção no coração de Elomar. As suas composições revelam o Sertão e essa pesquisa os aspectos de humanização em sua obra.

Nesse sentido, as músicas de Elomar surgem como a voz a ser ouvida e despertada em sala de aula. A escolha das músicas foi norteada pelo desejo de apresentar melodias que retratam, antes de tudo, a condição humana, a vida, a morte, o sofrimento, a esperança e o amor. Essa experiência é uma oportunidade que o professor pode ter com os seus alunos, a fim ajudá-los a se desvincular dos modismos e culto às nulidades.

Em toda a sua obra Elomar revela a realidade roçaliana como algo exuberante, e assim o faz majestosamente louvando à grandeza do nosso povo e enaltecendo a geografia do nosso lugar. Apreciar a beleza do povo e do lugar são aspectos da sensibilidade humana que devem ser despertados nos jovens.

> Meu canto é ancestral e ao mesmo tempo atemporal [...] Canto o que vejo, o que ouço (o que escuto de quadras remotas) (Elomar Figueira Mello[6])

3.3.3 QUESTIONANDO OS MALUNGOS

Eu sou um desses malungos que atraídos pela luz da arte elomariana busca ajudar na divulgação da sua obra. Sou um professor pertencente a uma elite cultural formada por acadêmicos, jornalistas, agentes culturais, artistas, vaqueiros, feirantes, cegos violeiros, repentistas e pesquisadores; uma ruma de gente que reconhece e valoriza a arte desse Príncipe da Caatinga. Fui atraído pelos seus aboios e canto de vaqueiro, mas, para além de tudo, pela sua força sertânica.

O projeto *Vozes do Sertão* emerge dessa vontade de divulgar para os jovens essa cultura que merece ser reconhecida e valorizada. Essa aproximação no contexto da

[6] http://www.elomar.com.br

pesquisa-ação apontou os aspectos formativos de uma cultura regionalizada, bem como as resistências disparadas; ambos foram identificados através da entrevista semiestruturada (APÊNDICE, *questionário 1 e 2*).

Iniciaremos pela análise das entrevistas, ao tempo em que retomaremos as discussões feitas no capítulo teórico, onde mostraremos as interpretações feitas a partir dos *questionários 1 e 2*, bem como a nossa posição em relação as falas dos alunos.

O questionário foi uma técnica que utilizamos para fortalecer os resultados apresentados posteriormente, cujo objetivo foi colher informações sobre os sujeitos da pesquisa. De acordo com Gil (1999, p. 128), esse instrumento pode ser definido

> Como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, entre outras.

Baseando-se nesse preceito, o questionário foi dividido em duas partes. O *questionário 1* organizado em 23 questões de múltipla escolha, e teve como propósito estabelecer um contato inicial com os *vinte e cinco* alunos da turma do 2º ano do ensino médio e, a partir das informações obtidas, pudemos selecionar aqueles alunos com maior proximidade à proposta da pesquisa, nos quais foram convidados *dez* alunos para participar do *questionário 2*, organizado em 3 questões discursivas que tinham como objetivo : (1) Conhecer a história de vida dos alunos, identificando através das suas memórias mais antigas o repertório cultural que foi transmitindo pela família. (2) Perceber se os jovens identificam nas criações da indústria cultural os elementos que influenciam os sentidos, a sua existência e a sua relação com o mundo (3) Identificar se a aproximação dos jovens com a cultura regionalizada pode educar no sentido de humanizar os sujeitos.

Com base no exposto, a análise da entrevista será organizada da seguinte forma: as 3 questões que compõem o *questionário 2* estarão dialogando com os 3 objetivos apresentados a seguir:

QUESTÕES	**OBJETIVOS**
QUESTÃO 1 "... através das suas memórias mais antigas, você sabe identificar qual foi o repertório cultural transmitindo pelos seus familiares? o contexto familiar, as influências culturais que vocês herdaram, estão intimamente ligadas ao	(1) Conhecer a história de vida dos alunos, identificando através das suas memórias mais antigas o repertório cultural que foi transmitindo pela família.

comportamento atual de vocês?”	
QUESTÃO 2 “...vocês identificam nas criações da indústria cultural, os elementos que influenciam os sentidos, a sua existência, e a sua relação com outros e com o mundo”.	(2) Perceber se os jovens identificam nas criações da indústria cultural, os elementos que influenciam os sentidos, a sua existência, e a sua relação com o mundo
QUESTÃO 3 A) pra você é importante reconhecer e valorizar a cultura da sua região? A cultura regional pode te ajudar a ter uma nova visão de mundo, transformando-o, ampliando-o para o presente e para o futuro? justifique as respostas. B) as músicas que você costuma ouvir pode te ajudar a ter uma nova visão de mundo, transformando-o, ampliando-o para o presente e para o futuro? justifique as respostas.	(3) Identificar se a aproximação dos jovens com a cultura regionalizada pode educar no sentido de humanizar os sujeitos.

É importante registrar que optamos em primeiro apresentar em sequência todas as falas dos malungos e ao final de cada *questão* tecer a nossa “cantoria”.

No *questionário 2*, obtivemos uma percepção do perfil da turma e do contexto familiar, como esses jovens criam e recriam seus cotidianos e seus aspectos formativos e culturais, suas resistências. A seguir, compartilharemos as respostas dos alunos[7] referente a *questão 1*[8].

Aluno: Jonathas Moraes, 15 ano de idade.

“É inegável a influência familiar presente na vida de cada indivíduo, tendo em vista que

[7] Nomes fictícios

[8] Olá, meus queridos (as), através desta questão eu quero conhecer um pouco a história de vida de vocês. Através das suas memórias mais antigas, você sabe identificar qual foi o repertório cultural transmitindo pelos seus familiares? O contexto familiar, as influências culturais que vocês herdaram, estão intimamente ligadas ao comportamento atual de vocês?

é nessa instituição que passamos pelo primeiro processo de socialização, apesar disso durante meu trajeto de vida eu assimilei valores e ideais diferentes, assim como modifiquei alguns do que recebi em casa. Em suma, acredito que minha crença/religião seja a principal influência na minha vida, já o meu gosto por músicas e filmes/séries distam muito daqueles apresentados em minha casa, visto que uso esses recursos como meio de aprendizado/estudo da língua inglesa (e minha família não gosta nem do legendado.), entretanto recordo que a apresentação que tive da língua inglesa ocorreu por meio do meu pai, que costumava ouvir um rock/pop e isso acabou despertando meu interesse pelo idioma desde cedo. Já em relação ao comportamento, me vejo como alguém adotado, distou de todos na minha casa, pois todos são extrovertidos, enquanto eu sou extremamente introvertido (timidez e afins né.) e prefiro lugares silenciosos e com poucas pessoas".

Aluna: Maria Flor, 16 anos de idade.

"Influência cultural acredito que não, pois, a forma de pensar e agir são muito diferente, principalmente por ser uma menina negra criada por pessoas brancas".

Aluna: Tânia Prado, 16 anos de idade.

"Eu sempre fui muito exposta a músicas religiosas, através da convivência com as minhas avós, mas também tive a oportunidade de ouvir Roberto Carlos, Daniel, entre outros "galãs" que minha mãe amava e matavam o meu pai de ciúmes".

Aluna: Naiara Luz, 16 anos de idade.

"Minha família sempre foi muito barulhenta, nós gostamos de fazer festas, reunir todos os filhos, primos, netos e irmãos no Natal, Ano Novo, Páscoa, São Pedro, 7 de setembro… qualquer data é sempre uma oportunidade de juntar toda a galera, e bem… é uma enorme galera, nos encontramos para jogar cartas, conversar, comer e nunca falta música. Mas não tem briga, se juntou todo mundo, nós estamos juntos por um motivo, nossa avó, então ela quem comanda a playlist e apesar de sempre ser as mesmas músicas, sertanejo antigo os chamados "modão", a gente se diverte horrores, subimos nas mesas gritando as letras a pleno pulmão, competimos quem fica mais tempo segurando o galopeeeeeeeiraaaaaaa até mesmo contra o cantor, fingimos estar virando garrafas de bebida ao som de O Menino Da Porteira. E acredito eu, que se não fossem essas músicas… se estivéssemos escutando outras, não seria a mesma coisa, não teria a emoção, o sentido do que está tocando. A música faz o momento, nossa energia é gerada a partir dela, e as risadas do resto da família também".

Aluna: Isa Teresinha, 15 anos

"Acredito que no contexto musical foi o que mais influenciou, pois até hoje, escuto as músicas que escutava antes quando era criança. Meu pai me chama de idosa, porquê todas as músicas que ele escutava quando era novo, eu escuto hoje e sei todas elas".

Aluna: Ignez Teixeira, 16 anos

"Sim, está intimamente ligado ao meu comportamento de várias formas, seja pela parte artística, o desenvolto em habilidades que são envolvidas à criatividade, a construção de projetos, também a música, entre outras coisas. A influência foi a questão dos valores que construíram meu ser, e formou o meu carácter me transformando em uma pessoa madura, com compaixão e respeito ao outro".

Aluno: José Marcos, 16 anos

"Eu fui criado com uma grande influência estrangeira, não em questão de tradições ou de cultura em geral, mas sim em músicas, filmes e coisas do gênero. Meu gosto musical é 99% composto de músicas internacionais, tanto que minha música favorita é Creep do Radiohead, eu tenho memórias bem vividas de quando eu passava tempo com meu tio, o que era frequente, nós escutávamos Red Hot Chilli Peppers, System of a Down e diversas outras bandas de rock Americanas e Inglesas. O que eu quero dizer é que toda minha personalidade foi moldada pelas minhas influências de criança, o meu senso de humor é muito baseado nas séries que eu assistia na época como, Todo mundo Odeia o Chris, Bob Esponja, Icarly e diversas outras que eu gosto até hoje. O meu gosto literário é composto por sua grande maioria de livros estrangeiros, PORÉM, eu estou mudando isso, eu li Sargento Getúlio e é muito bom mesmo, mas voltando ao assunto, há algo que eu acho interessante quanto a tudo isso, tanto meu tio quanto minha mãe, escutavam músicas brasileiras, MPB, Pagode, Samba e diversos outros, porém essa parte mais brasileira deles, eu quase nunca tive contato, sendo assim é interessante pensar como eu poderia estar agora se eu tivesse me interessado pela músicas brasileira e não pelos gritos de System of a Down".

Aluna: Januária Bonfim, 17 anos.

"Minhas referências musicais transmitidas para mim pela minha família sempre me deram uma relação de senso comum muito grande, pois com cada música, havia uma mensagem subliminar ou algo mais a ser descoberto. Com isso, eu criei uma noção e senso do ridículo em saber que músicas não definem quem somos ou o que fazemos, elas são apenas gostos e mensagens que trazem um ensinamento uma vez ou outra e não deviam ser utilizadas como uma maneira de julgar o outro".

Aluno: Willian Andrade, 16 anos.

"Eu venho de duas famílias distintas em alguns aspectos, porém bastante semelhantes em outros. A família do meu pai (incluindo ele e os seus irmãos) são da Paraíba, enquanto a família da minha mãe, quase que completamente, veio de uma cidade próxima a Anagé, chamada Caraíbas. Eu fui criado e ensinado desde pequeno à respeitar aqueles acima de mim (mais velhos, ou de cargo superior, como os meus professores), e desse mesmo jeito devo respeitar todos ao meu redor e as suas diversidades. Aprendi também a distinguir o certo do errado, e saber o que são atos imorais ou que vão contra a minha ética. Acredito que por vir de famílias que prezam pela educação e respeito, grande parte do meu comportamento está resumido a isso. Meus pais sempre me ensinaram que apesar de eles me criarem dentro desse meio cultural eu devo buscar interagir com diferentes meios, buscando novas experiências e aprendizados. A minha

mãe é a segunda mais velha de uma família de 7 irmãos, e sempre me ensinou a ser independente. Quando terminou a escola, ao invés de ficar na cidade que morava (Vitória da Conquista) ela preferiu fazer uma faculdade em São Paulo, onde aprendeu a trabalhar e morava com uma de suas irmãs mais novas, e isso me ensinou que eu não devo ficar dependente de circunstâncias como apenas estudar e não trabalhar, ou que o trabalho é uma coisa ruim. O meu pai ficou na Paraíba até os 5 anos de idade, após isso se mudou para Suzano-SP, onde ficou até os 10 anos, quando veio para Vitória da Conquista, e aos 14 anos deixou a escola para trabalhar como caminhoneiro, e permaneceu nessa profissão até os 21 anos, quando se casou e passou a trabalhar com mercado. Acredito que as constantes mudanças que o meu pai fez, foi que me motivaram a expandir os meus conhecimentos quando se diz respeito à cultura brasileira, e agradeço muito a ele por ter dividido isso comigo. Meu avô por parte de mãe conviveu comigo até 2013, quando morreu enquanto eu tinha 8 anos, mas me ensinou muito também. Apesar de ser o primeiro prefeito da cidade que a minha mãe nasceu, e ser conhecido por ter emancipado a cidade, ele se mudou para Vitória da Conquista, onde teve até o fim da vida um mercado, mas nunca esqueceu suas origens, e eu sempre aprendi com ele a não esquecer as minhas origens, mesmo que eu mude o meu contexto social. A minha avó por parte de mãe sempre esteve ligada ao meio político também, e talvez por isso eu esteja, desde pequeno, buscando conhecimento sobre o contexto político dos meios em que eu vivo, seja o meu bairro, meu estado ou meu país. O meu avô por parte de pai sempre esteve comigo e me apoiando em todas as situações, e até hoje é uma das pessoas mais importantes para mim. O seu pai, apesar de ser um fazendeiro famoso na cidade na época sempre ensinou ele a trabalhar, e mesmo assim, com tantos recursos por lá, ele saiu da Paraíba com 16 anos, e foi para Goiás, onde trabalhou muito, e superou dificuldades financeiras e dificuldades relacionadas à saúde na época. Após isso ele voltou para a Paraíba, onde teve 3 filhos e vários empregos, mas após um tempo se mudou para Suzano-SP, e lá ele foi um comerciante conhecido, e logo após isso se mudou para Vitória da Conquista com sua família, e virou caminhoneiro, que era o seu sonho, e essa é a sua profissão até hoje. Esse meu avô contribuiu para a minha formação como pessoa, sempre me ensinou a não abrir mão dos meus direitos, a honestidade, a não desrespeitar ninguém, e sempre valorizar a minha família apesar de tudo. A minha avó por parte de pai sempre foi uma mãe exemplar, uma mulher religiosa e que me ensinou desde sempre, a minha religião, que é a religião católica. Ela sempre prezou pelos bons costumes, e como uma parte da minha vida a minha casa ficava do outro lado da rua da casa dela, eu praticamente morei com ela, e nesse período aprendi bastante sobre a minha religião. Mesmo tendo uma crença forte em sua religião, sempre admirei o respeito que ela tem pelas outras religiões, e eu aprendi com ela que as pessoas são diferentes, mas que todas buscam o mesmo objetivo, a verdade. Acredito que todos esses aspectos, dentre diversos outros pequenos detalhes, é que são, em grande parte, os responsáveis pela pessoa que sou hoje. Eu sempre busquei, e acredito que sempre vou buscar novas experiências, assim como a minha família me ensinou. Sempre aprendi que apesar de o dinheiro ser muito importante, não devemos resumir nossa vida a isso".

Aluna: Maria Bethânia, 16 anos.

"Já que as perguntas são pessoais, vou responder de modo informal. Então, para ser sincera, eu realmente não sei. Todas as questões culturais da minha família que eu sei, vem da minha avó materna, que sempre me contou histórias. E sobre essas histórias ela fala sobre a pobreza que era viver no interior do sertão, mas que mesmo assim, eram um povo trabalhador e feliz. Então acho que sim, em partes minha família é bem animada e tem essas ideias de sertão, sabe?! Umas palavras que com certeza não existe no vocabulário comum, mas sim nos dos nordestinos, e a festa de São João aqui sempre foi muito animada, também tem muitas festas de questões religiosas. Sempre gostei bastante de Luiz Gonzaga e de sanfona, já que minha vó fala que ele gostava de tocar".

Através dos relatos dos alunos na *questão 1* acessamos algumas de suas memórias e identificamos o reconhecimento que eles têm pela família no papel em transmitir um repertório cultural. Essa gratidão dos jovens é evidente na fala do aluno Jonathas Moraes: *"É inegável a influência familiar presente na vida de cada indivíduo, tendo em vista que é nessa instituição que passamos pelo primeiro processo de socialização..."*. Nesse mesmo sentido compartilha a aluna Isa Teresinha ao apontar a importância da influência musical que herdou da sua família: *"Acredito que no contexto musical foi o que mais influenciou, pois até hoje escuto as músicas que escutava antes quando era criança"*. No relato da aluna Ignez Teixeira fica claro como a influência dos afetos mais próximos podem moldar o comportamento humano: *"Sim, está intimamente ligado ao meu comportamento de várias formas, seja pela parte artística, o desenvolto em habilidades que são envolvidas à criatividade, a construção de projetos, também a música, entre outras coisas".* Esses relatos me fazem rememorar a minha história, o contexto familiar atento às canções de Elomar e Luiz Gonzaga, às sensibilidades que afloravam, à apreciação a estética *sertaneza* e a educação dos meus sentidos. Essas impressões nos ajudam a compreender como os elementos de uma cultura oferecem aos jovens a competência de interpretar o mundo e, com isso, atribuir significado à sua existência. Conforme explica Duarte e Martins (2012, p. 43): "Cultura é a atividade humana acumulada, envolve a ação do ser humano e sua relação com a natureza, para produzir sua existência". De acordo com Marcondes e Japiassu (2006, p.51) "A cultura pode ser definida como tesouro coletivo de saberes possuído pela humanidade ou por certas civilizações". A cultura, nesse sentido, forma e caracteriza os seres humanos por meio daquilo que eles produzem, ou seja, práticas, valores, normas, costumes e saberes coletivos que são transmitidos de uma geração à outra. Nessa perspectiva, o contexto familiar está intimamente ligado ao comportamento dos jovens na formação da sua experiência.

A *questão 2* foi pensada a partir de uma frase que serviu como ponto de partida de uma aula em que discutimos sobre a indústria cultural. Os alunos foram convidados a responder se eles identificam nas criações da indústria cultural os elementos que influenciam os sentidos, a existência e a relação deles com os outros e com o mundo.

Aluno: Jonathas Moraes, 15 ano de idade.

> "Bom, devido aos padrões sociais no qual estamos inseridos, a indústria cultural exerce uma função marcante na vida de todos. Conforme Marcuse, filósofo da Escola de Frankfurt, somos Homens Unidimensionais, ou seja, somos todos uniformes e

moldados por essa indústria cultural, assim como somos manipulados por essa, apesar de acharmos que somos nós que realizamos nossas próprias escolhas. Desse modo, eu creio que muitas das coisas que eu sou/tenho são resultados desse fenômeno, pois é perceptível como a atuação da indústria cultural busca criar grupos que se tornem homogêneos e consumam apenas um único tipo de mercadoria, por isso é que torna-se difícil, cada vez mais, assimilar diferentes culturas, diferentes formas de arte e diferentes relacionamentos. Tenho essa visão porque percebo como muitas vezes tento ouvir diferentes estilos musicais, assistir/ler diferentes obras, mas se torna complicado devido a atuação dessa indústria cultural (creio que o principal exemplo é o YouTube que não recomenda vídeos diferentes daqueles que você assiste, dificultando seu acesso a conteúdos variados)".

Aluna: Maria Flor, 16 anos de idade.

"Sim, pois a internet traz muita bagagem cultural através de sites, músicas e pessoas que influenciam também, o que é ótimo quando você não recebe muita informação sobre sua própria cultura".

Aluna: Tânia Prado, 16 anos de idade.

"A cultura vive em diversas partes do nosso dia a dia, então dizer que ela não me afeta seria errado. A minha oportunidade de usar as redes sociais me proporcionou uma oportunidade incrível de aprender sobre o mundo e tentar ver através dos olhos alheios, então, sim, meios de comunicação e a cultura afetaram de forma exorbitante a minha experiência no mundo".

Aluna: Naiara Luz, 16 anos de idade.

"Todos temos músicas com as quais nos identificamos, seja pelo momento que você está passando, pela forma de se expressar ou até mesmo pela melodia. Quando estou triste gosto de me levantar, ir para o meio da casa e começar a dançar loucamente ao som de Shake It Off, me alegra, me faz pensar que aquela tristeza passa uma hora, quando estou feliz gosto de escutar Right Here, A História de Lily Braun, Debaixo D'água e me matar tentando acompanhar na parte dos "agoras". A música faz o momento, ela transparece sentimentos em nós, comportamentos e até atitudes. Começar o dia escutando músicas animadas deixa minha expectativa sobre o resto dele muito alta, não tenho dias tão bons quanto os que começo escutando um "Eeetaa eta eta etá, é a lua é o sol é a luz de Tieta" na voz de Caetano, Ivete e Gilberto Gil. Começar uma semana lendo uma reflexão de um poema na Fátima Bernardes, ou até na Internet, alivia a alma, te eleva".

Aluna: Isa Teresinha, 15 anos

"Relacionado a isso, acho que o que mais influencia é a maneira de vestir, o que ouvir, e, principalmente as redes sociais. Ademais, acredito que diversos estereótipos estão sendo enfrentados por aqueles que defendem a diversidade, até porquê vivemos em um dos países mais miscigenados do mundo. Outro fator importante é que a sociedade influência bastante e substancialmente nas nossas escolhas; já cita uma frase importante da filosofia: "O homem é naturalmente bom mas, integrado na sociedade, acaba por deixar-se corromper." - Jean-Jacques Rousseau. Não obstante a isso, a gente pode reparar nas ações, ninguém nasce preconceituoso, as pessoas acabam aprendendo ao decorrer da vida".

Aluna: Ignez Teixeira, 16 anos

> "Sim, a indústria cultural involuntariamente influencia a nossa vida, por meio dela você descobre gostos musicais, de filmes, de basicamente tudo e pode se identificar com muita gente; por outro lado é uma cultura perigosa, causando alienação e muitas vezes ser influenciado por alguém ou algo que você goste a adquirir algo que se fosse por si mesmo não consumiria, como vai o caso das propagandas, das publicidades".

Aluno: José Marcos, 16 anos

> "Sim, eu vejo que grande parte da minha personalidade e gostos em geral foi e está sendo influenciada pela indústria cultural, tanto quanto está sendo influenciado pelas pessoas a minha volta e outros diversos fatores. Particularmente falando eu não acho isso ruim, eu gosto muito da minha personalidade em geral, eu gosto do meu estilo, que é um estilo que eu descobri através da indústria de massa, claro que até certo ponto é ruim, levando em conta que essa indústria pode muito bem ser usada para a manipulação do povo. Sendo assim, eu percebo sim a massiva influência que é exercida sobre a minha pessoa e outras pessoas, e acho que não é de todo ruim, contanto que você esteja pensando por si só, tendo suas próprias opiniões com base no que você absorve no dia a dia, não vejo nenhum problema nisso".

Aluna: Januária Bonfim, 17 anos.

> "Muitas relações no mundo da música se baseiam em misoginia, estupro, abuso, e entre outras crescentes que se tornam cada vez mais aparentes. É impossível esse tipo de mensagem não ser transmitida para os ouvintes de alguma maneira, mesmo que a indústria tente esconder, continua mostrando sua real face quando cantores e grupos perpetuam esse tipo de comportamento por trás das câmeras. A indústria musical é culturalmente acurada, e nossa cultura não é exatamente benéfica para todos. Esse endeusamento de quem somos não cria uma identidade, e sim, um estereótipo de como devemos ser e agir".

Aluno: Willian Andrade, 16 anos.

> "Apesar de responder quase tudo na questão 1, eu não acho que sou o tipo de pessoa que não é influenciado diretamente pela cultura de massa. Eu nunca fui de acompanhar as artes e as músicas contemporâneas, sempre gostei mais de estudar o passado, e talvez por isso eu queria ter nascido algumas décadas atrás. Eu não gosto de como as coisas são hoje, por exemplo, o jeito que algumas pessoas se vestem, as músicas populares, e como as pessoas se tratam, principalmente no Brasil. Mesmo não gostando disso, e muitas vezes não sendo respeitado, e sendo motivo de piada por causa do que eu gosto, sempre interagi com todas as pessoas que eu pude a fim de descobrir porque elas são o que são, e respeito as pessoas, por isso escuto esse tipo de música, que é propagado atualmente, e não falo do jeito que as pessoas se vestem, porque sei que isso é fruto dos costumes de cada um, e isso tem algum valor para ela, e eu sei o quanto é ruim ter os seus valores oprimidos".

Aluna: Maria Bethânia, 16 anos.

> "Eu acho bem difícil hoje em dia, não perceberem que a indústria nos molda, né?! Um exemplo puro disso, é o padrão estético que a mídia cobra. Afeta diretamente em todos os quesitos que estão aí em cima, pois, isso vai afetar os sentidos da pessoas, porque se

> ela não tiver naquele padrão, ela vai se sentir horrenda, ou algo assim, mudando sua forma de ser, consequentemente a sua existência, ou seu EU de verdade, como nasceu. A sua relação com os outros também pode ser afetada, dependendo de que tipo de relações ela tenha, já com o mundo, pode ser também, já que provavelmente ela irá ser uma pessoa pessimista e infeliz, vendo o mundo em preto e branco, não admirando sua beleza".

Por meio dos relatos dos malungos na *questão 2* identificamos que alguns alunos têm uma dificuldade em diferenciar cultura de massa da cultura popular-regional. As implicações em não saber distinguir aponta descrições complexas e ambivalentes, pois ao mesmo tempo que identificam nas criações da indústria cultural os elementos negativos que influenciam os sentidos, a sua existência, e a sua relação com outros e com o mundo, descrevem como se sentem bem com essa influência. Enfim, analisaremos primeiro a fala da aluna Maria Bethânia que descreve como a indústria cultural molda a existência do sujeito: *"Eu acho bem difícil hoje em dia não perceberem que a indústria nos molda, né?! Um exemplo puro disso é o padrão estético que a mídia cobra. Afeta diretamente em todos os quesitos..., pois isso vai afetar os sentidos da pessoa, porque se ela não tiver naquele padrão ela vai se sentir horrenda, ou algo assim, mudando sua forma de ser, consequentemente, a sua existência.* Essas palavras apontam para o empobrecimento estético da música popular brasileira que ao atender os interesses da indústria cultural tem implicado na formação da imagem corporal, principalmente dos jovens.

> "A imagem corporal é a maneira pela qual o corpo se apresenta para si próprio. A indústria cultural pelos meios de comunicação encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens padronizando corpos." (RUSSO, 2005, 81p.)

Outro relato de uma aluna que reforça a identificação de elementos negativos que influenciam os sentidos, a existência e a relação com outros e com o mundo é denunciado por Januária Bonfim: *"Muitas relações no mundo da música se baseia em misoginia, estupro, abuso, e entre outras crescentes que se tornam cada vez mais aparentes. É impossível esse tipo de mensagem não ser transmitida para os ouvintes de alguma maneira, mesmo que a indústria tente esconder, continua mostrando sua real face quando cantores e grupos perpetuam esse tipo de comportamento por trás das câmeras. A indústria musical é culturalmente acurada, e nossa cultura não é exatamente benéfica para todos".*

Um segundo aspecto a ser analisado é sobre o relato do aluno José Marcos que sinaliza sentir-se bem ao ser influenciado pela indústria cultural: *"Sim, eu vejo que grande*

parte da minha personalidade e gostos em geral foi e está sendo influenciada pela indústria cultural, tanto quanto está sendo influenciado pelas pessoas a minha volta e outros diversos fatores. Particularmente falando eu não acho isso ruim, eu gosto muito da minha personalidade em geral, eu gosto do meu estilo, que é um estilo que eu descobri através da indústria de massa..." O que deduzimos é que o aluno desconhece o conceito de indústria cultural, bem como a sua atuação como veículo de manipulação de massa. O fato é que os jovens não estão protegidos desta realidade, uma vez que estão imersos em uma sociedade capitalista onde são constantemente manipulados por fenômenos midiáticos. Os adolescentes são um alvo específico para a indústria cultural que se favorece da ausência de conhecimento da dimensão da subjetividade por parte desses jovens. Estes estão suscetíveis à indução, ao consumismo, à alienação e à paralisação da consciência. Nesse sentido Adorno (2009) explica que:

> A atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural de hoje não tem necessidade de ser explicada em termos psicológicos. Os próprios produtos, desde o mais típico, o filme sonoro, paralisam aquelas capacidades pela sua própria constituição objetiva. (ADORNO, 2009, p. 16).

O que se percebe é a falta de autonomia, criatividade e condicionamento ao pensamento induzido por uma cultura altamente capitalista e manipuladora. Para Adorno,

> "A indústria cultural não é democrática, ela se submeteu a dominação técnica que é usada pelos meios de comunicação de forma original e criativa que impede o homem de pensar de forma crítica, de imaginar, adestrando consciências, que fazem com que o que é transformado para efeitos comerciais sejam convertidos como entretenimento para todos". (Movendo Ideias, Belém, v8, n.13, p.13-22, jun. 2003)

Para finalizarmos a análise da entrevista com os malungos, na *questão 3* compartilhei com eles um trecho que compõe o primeiro capítulo[9] dessa dissertação, para que pudessem refletir e produzir as respostas dos itens *a*[10] e *b*[11].

Aluno: Jonathas Moraes, 15 ano de idade.

> *Item a:* "A cultura regional é um importante meio de compreender suas raízes, compreender quem você é e de onde veio, sendo útil até para usarmos como recurso

[9] Apêndice, questionário 2, questão 3.

[10] Pra você é importante reconhecer e valorizar a cultura da sua região? A cultura regional pode te ajudar a ter uma nova visão de mundo, transformando-o, ampliando-o para o presente e para o futuro? Justifique as respostas.

[11] As músicas que você costuma ouvir pode te ajudar a ter uma nova visão de mundo, transformando-o, ampliando-o para o presente e para o futuro? Justifique as respostas.

para construção do futuro. Contudo, a veiculação dessa cultura se torna cada vez mais raro, visto que não cumpre os padrões impostos pela indústria cultural. Particularmente, devido ao projeto elaborado pelo colégio no ano passado, eu criei um interesse pela cultura da cidade, e do estado. Essa busca me ajudou a ter uma nova visão sobre aquilo que é local, me auxiliando a valorizar mais isso. Ainda estou em desconstrução e me inserindo nisso, mas busco com frequência acerca dessa cultura".

Item b: "O que eu mais consumo é "sofrência" em inglês, assim como me ajuda a imergir numa outra cultura, auxiliando no aprendizado do idioma e possivelmente me auxiliando na construção de mais oportunidades no futuro, mas ela auxilia mais em me botar pra baixo ou criar um momento triste, não que seja difícil isso ocorrer naturalmente... (tenho trilha sonora para qualquer momento triste). Além disso, costumo ouvir muitas músicas que na letra possuem uma certa crítica social, então vejo na música uma forma de compreender problemas existentes na sociedade, e a partir dessas músicas eu me coloco no lugar de pesquisar mais acerca destas problemáticas".

Aluna: Maria Flor, 16 anos de idade.

Item a: "Acredito que sim, pois ter conhecimento das nossas origens é extremamente importante pra entender as problemáticas atuais da sociedade! Além de que, valorizar e apoiar a cena cultural ajuda os artistas locais, que precisam ser incentivados".

Item b: "Sim, pois as músicas trazem uma carga cultural e representativa muito forte, independente do gênero!".

Aluna: Tânia Prado, 16 anos de idade.

Item a: "Eu acredito sim que seja importante, mas não vou mentir, ainda não tive a oportunidade de praticar a valorização da cultura regional tanto quanto queria".

Item b: "Sim, a música tem sido o meu esconderijo por anos, até mesmo da minha própria mente. A música me ensinou muito sobre mim mesma, até mesmo as partes que podem não ser tão positivas".

Aluna: Naiara Luz, 16 anos de idade.

Item a: "Óbvio que sim, cada parte da cultura e suas divisões, seja ela artística, musical, poética, pelo menos em sua maioria traz tantos significados para nossas vidas, tantas revelações, emoções, sentidos e novas cores. Nosso povo, nossa região, todos tem uma cultura extremamente diversificada e especial, que tem tantas peculiaridades resta a cada pessoa interpretá-la de uma forma que traga para ela mesma esse sentido".

Item b: "Eu sou eclética, escuto tudo que tenha uma letra que me atraia, que contenha uma história por trás, experiências de outras pessoas, melodias agradáveis e são principalmente estas coisas que me atraem nas músicas que me mudam que me fazem enxergar coisas e pessoas. A essência delas e a minha própria".

Aluna: Isa Teresinha, 15 anos

Item a: "Creio que sim, porquê quando você conhece a cultura da sua região e a aprecia, tem um olhar diferente sobre as outras e até no seu modo de agir e de pensar".

Item b: “Sim. Uma vez ouvi uma frase que dizia que você é aquilo que escuta, ou seja, tudo que você escuta reflete no seu comportamento. Eu por exemplo escuto muitos ritmos, mas acho que o que mais predomina é o rap, pois acredito que as letras tem uma visão amplificada de como ter uma sociedade mais justa, com equidade e respeito, direitos iguais. E que a solução para tudo isso é a educação. Ela é a base de tudo. Além disso, tem uma música do Sid - Brasil de quem? e um trecho me chama bastante atenção: “Só tem uma lei que vai conseguir mudar o Brasil; Ela se chama leitura" Essa é a solução para o futuro”.

Aluna: Ignez Teixeira, 16 anos

Item a: “Sim, é necessário valorizar as nossas raízes, até porque não é nada demais ter mais conhecimento, e o ideal seria valorizar tudo isso, e cuidar para que não seja deixada de lado, sem contar que essa cultura é onde carrega muitos valores que podem agregar para a vida”.

Item b: “Sim, músicas de antigamente principalmente, carregam um valor enorme, como sempre falo, claro que ainda existem músicas de hoje em dia que tem letra, no sentido que tem letra que pode agregar, e não desrespeitos e ofensas contra alguém como muitas das de hoje em dia tem, as músicas de antigamente carregam nelas temas essenciais a ser abordado, por isso claro que o equilíbrio é essencial, mas de preferência, sejam as músicas antigas ou não, que tenham conteúdo, pois vai agregar muito para a formação de um ser humano íntegro, pois somos o que consumimos”.

Aluno: José Marcos, 16 anos

Item a: “Sim, apreciar a cultura regional é de grande importância, afinal, com cada cultura nós vemos uma visão de mundo diferente, circunstancias diferentes e no geral realidades diferentes, com toda certeza, se eu não fosse da Bahia, e fosse do Sul do pais, por exemplo, eu teria uma visão de mundo COMPLETAMENTE diferente da que eu tenho atualmente e com isso provavelmente eu teria uma opinião política diferente. Em cada região, com cada cultura diferente, passamos por situações diferentes e vemos coisas diferentes, com isso, a cultura regional influenciou diretamente a minha visão de mundo e opiniões em geral, assim como a indústria de massa, creio que se vivesse em outro lugar, teria uma visão completamente diferente”.

Item b: “Sim, a música também faz grande parte da formação da nossa visão de mundo, como eu disse anteriormente, se eu tivesse crescido em outras circunstancias, onde eu escutaria MPB, com certeza eu teria uma visão de mundo diferente, se eu tivesse crescido escutando Pagode, eu teria uma visão diferente do que escutando músicas internacionais, ou MPB. Provavelmente eu não teria tanta influência internacional e seria uma pessoa completamente diferente”.

Aluna: Januária Bonfim, 17 anos.

Item a: “A "cultura regional" parece mais uma maneira de querer emancipar partes do nordeste de outras. Esse desejo de sempre ser diferente e ter coisas "únicas" é vicioso. A região de Vitória da Conquista não é muito diferente do resto da Bahia, falo isso vindo de Pernambuco e tendo vivido em muitas outras cidades além dessa, não vejo uma "preservação" da cultura regional quando tratam os povos indígenas com tanto desdenho sendo que a cidade inteira foi feita as custas deles. Tentam apagar essa real cultura regional com baião pernambucano, comidas cearenses e fazem essa mistura de mal gosto de costumes para se sentir parte do nordeste invés de simplesmente ouvir aos povos nativos. Não vejo benefício em proteger essa "cultura regional"”.

Item b: “Muitas músicas trazem mensagens para melhora e modificações do que pensamos. Só que sendo sincero, como seres humanos, procuramos o que nos agrada, não o que nos faz pensar. As pessoas não gostam de ser contestadas sobre se o que gostam é problemático ou não, por que a música é uma maneira de escapar da realidade ou nos conectar com o que sentimos. Não temos sempre o desejo ou necessidade de procurar aquilo que nos atice mentalmente”.

Aluno: Willian Andrade, 16 anos.

Item a: “Sim, acredito que todos deviam conhecer as diferentes culturas e suas origens do meio que estão inseridos. Acredito que seja importante conhecer essa cultura regional, porque a partir dela você consegue descobrir o porquê as coisas são como são, por exemplo porque na sua região você percebe um sotaque diferente das outras. Descobrir quem são os antepassados que moldaram as suas culturas, de quais países são os seus antepassados, ajudam a descobrir pequenos e importantes detalhes sobre cada indivíduo”.

Item b: “Sim. É importante ouvir diferentes tipos de músicas, e saber de onde elas vêm, porquê a sua composição é desse jeito, e porquê sua melodia é composta por sons mais “tristes” ou mais “alegres”. Acima de tudo, eu considero que ouvir a música que outras pessoas ouvem, e talvez você não, é uma forma de conhecer e interagir com o outro, uma forma de saber como a outra pessoa se sente, o seu destino, de onde ela veio, e quais são os seus objetivos”.

Aluna: Maria Bethânia, 16 anos.

Item a: “Sim, vou usar um exemplo muito importante agora: nós brasileiros. Veja bem, adoramos as outras culturas e as músicas de fora, mas não damos tanta importância para nossa cultura, cuja é bastante rica. Entendo então, que na situação que estamos agora, só iremos evoluir, quando reconhecermos que somos um país de nações, culturais, etnias e religiões diferentes, isso é o que nos faz especial, caso continuemos pensando o contrário, nunca sairemos do fundo do poço, no qual nós estamos. Sim, também acho, por quê? Bem, tem uma frase que eu gosto muito que não me lembro agora, mas é algo assim: “Entendemos a importância do passado, para vivermos o futuro!” que foi basicamente o que eu disse na primeira pergunta aí, temos que reconhecer nossas raízes, pois assim saberemos de onde viemos e provavelmente, para onde iremos”.

Item b: “Bem, eu acho que isso varia de pessoa para pessoa. Como a questão aqui é o meu caso, eu acho que não. Meu estilo preferido de música é indie (Já ouviu falar?) Músicas indies são conhecidas por terem batidas intensas e profundas, com letras marcantes, muitas delas tristes. Mas eu gosto mesmo assim, mesmo não me considerando alguém triste. Na verdade, depois que comecei a ouvir essas músicas, comecei a admirar mais o mundo, as pequenas coisas, como parar e ir ver o pôr do sol, ou admirar o céu azul, ou as estrelas e lua a noite. Senti o cheiro do mar, e ver o verde das plantas. Acho que todo mundo deveria fazer isso, pelo menos uma vez por dia, é algo realmente importante, além de tirar um peso enorme das costas. Mudei drasticamente de assunto, me desculpe, empolguei. Mas já respondi a sua pergunta, não acho que coisas desse tipo, como jogos, músicas, roupas ou o resto, diga quem é realmente a pessoa, ou se isso influencia algo nela.”.

Em primeira análise iniciaremos pelo *item a* da *questão 3*, onde procuramos identificar se os alunos reconhecem e valorizam a cultura da sua região. Através das

entrevistas identificamos que os jovens sinalizam a importância em reconhecer a cultura regional, entretanto, admitem uma desatenção quanto a sua valorização. Isso fica evidente na fala da aluna Tânia Prado: *"Eu acredito sim que seja importante, mas não vou mentir, ainda não tive a oportunidade de praticar a valorização da cultura regional tanto quanto queria".* Diante desse relato procuramos elencar alguns fatores que podem interferir na valorização da cultura regional:

- Falta de projetos de políticas culturais;
- Influência da mídia;
- Distorção do enfoque tradicional
- Poucos ou nenhum projeto escolar que enfoque a valorização das práticas culturais.

Esses são alguns fatores que denunciam a falta de valorização da cultura regional, mas nos atentemos ao último ponto, que trata sobre o papel da escola ao desenvolver projetos culturais que incentivam o reconhecimento, a aproximação e a valorização. A importância desses projetos pode ser comprovada através da fala do aluno Jonathas Moraes, ao fazer referência ao projeto *Vozes do Sertão*: *"...devido ao projeto elaborado pelo colégio no ano passado eu criei um interesse pela cultura da cidade e do estado. Essa busca me ajudou a ter uma nova visão sobre aquilo que é local, me auxiliando a valorizar mais isso. Ainda estou em desconstrução e me inserindo nisso, mas busco com frequência acerca dessa cultura".*

Esse é o papel educativo da escola: ajudar os alunos a cuidar da nossa cultura regional que está viva, para nos dar sentido na busca de sabermos quem somos, de onde viemos e quais são as nossas raízes; essa é a vontade da aluna Ignez Teixeira: *"Sim, é necessário valorizar as nossas raízes, até porque não é nada demais ter mais conhecimento e o ideal seria valorizar tudo isso e cuidar para que não seja deixada de lado, sem contar que essa cultura é onde carrega muitos valores que podem agregar para a vida".* Com certeza essa é a intenção mais bonita dessa pesquisa, preencher com a nossa cultura local a vida dos jovens com valores, emoções, significados. É o que sentimos com a fala da aluna Naiara Luz: *"...cada parte da cultura e suas divisões, seja ela artística, musical, poética, pelo menos em sua maioria traz tantos significados para nossas vidas, tantas revelações, emoções, sentidos e novas cores".*

Em última análise finalizamos com o *item b* da *questão 3* onde procuramos saber se as músicas que os jovens costumam ouvir podem ajudá-los a ter uma visão de mundo mais ampla. As respostas revelam uma variedade de modos de percepção e sensações do

aluno na sua relação com o mundo. Jonathas Moraes compartilha que a música tem o ajudado a compreender melhor os problemas sociais: *"...costumo ouvir muitas músicas que na letra possuem uma certa crítica social, então vejo na música uma forma de compreender problemas existentes na sociedade, e a partir dessas músicas eu me coloco no lugar de pesquisar mais acerca destas problemáticas".*

O que percebemos nas entrevistas é que a música está presente em diversos momentos da vida dos jovens e exercem um importante papel formativo, que para eles é carregado de sentidos e significados. As músicas, independentemente de gênero, podem ajudá-los a compreender os problemas sociais, ampliar a leitura de mundo e até mesmo a lidar com as próprias emoções: *"Sim, a música tem sido o meu esconderijo por anos, até mesmo da minha própria mente. A música me ensinou muito sobre mim mesma, até mesmo as partes que podem não ser tão positivas" (Tânia Prado, aluna do 2º ano).*

O objetivo dessa pesquisa, assim como do projeto Vozes do Sertão, jamais foi o de combater a experiência musical dos jovens. O que pretendemos sempre esteve claro: aproximá-los da cultura regional, do povo sertanês, a fim de reconhecer e valorizar, também, essa cultura. A clareza dessa intenção nos ajudou a realizar o projeto e todas as etapas desta pesquisa. Sempre estive atento para ouvir as músicas/experiências que os alunos traziam, sem julgá-los ou contestá-los, para que pudessem também estar atentos ao que eu queria compartilhar. Ao que me parece fiz muito bem: "*As pessoas não gostam de ser contestadas sobre se o que gostam é problemático ou não, por que a música é uma maneira de escapar da realidade ou nos conectar com o que sentimos. Não temos sempre o desejo ou necessidade de procurar aquilo que nos atice mentalmente" (Januária Bonfim, aluna do 2º ano).*

Os relatos dos malungos nos contam histórias maneiras, de como eles interagem com as *coisas* do mundo, com a família e com a cultura. Essas relações constituem a subjetividade dos jovens. A expressão dessa subjetividade está evidente no *questionário 2*: nas descrições do cotidiano, na imagem dos pais, avós e no consumo cultural. As análises realizadas a partir dos relatos apontam que os alunos reconhecem a importância da família na transmissão da cultura e na necessidade de valorizar a cultura regionalizada, mas também descrevem de modo complexo e ambivalente a percepção de si em relação a seus hábitos, comportamentos e resistências. O que está posto é que os jovens possuem interiormente seu repertório, que não é permanente, mas que permite resistir ou atacar discursos que culturalmente lhe representam ou não. Essa posição dos jovens implica na

ruptura entre uma determinada cultura-regional por uma cultura de massa. Nessa perspectiva, recorrendo às ideias de tradição de Hanna Arendt e de Walter Benjamin, ambos os autores são motivados a pensar a tradição quando percebem sua perda na modernidade; isso explica a ruptura da cultura regional por uma cultura massificada. Os jovens não conhecem aquilo que os antecede no tempo, e a atenção cada vez mais desinteressada sobre aquilo que os antecede compromete a tradição que é transmitida de uma geração a outra. Nas palavras de Hannah Arendt (2003, p. 31), "seleciona e nomeia, transmite e preserva, indica onde se encontram os tesouros e qual o seu valor." Então, podemos dizer que a herança depende das escolhas dos que a transmitem, mas, ainda mais daqueles que a recebem. Benjamin (2012, p. 123) em seu ensaio Experiência e pobreza denuncia o que estamos perdendo:

> (As) experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: "Ele é muito jovem, em breve poderá compreender". Ou: "Um dia ainda compreenderá". Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando sua experiência?

Penso que sem a tradição que indica "onde estão os tesouros e qual o seu valor" esse mundo se moldará em uma cantiga sem sentido, sem memória. O projeto Vozes do Sertão é uma tentativa para que os jovens possam reconhecer o valor do tesouro que é a obra elomariana.

4. CONSIDERAÇÕES: AMARRAÇÃO

> Sonho que na derradeira curva do caminho existe um lugar sem dor sem pedra sem espinhos mas se de repente lá chegando não encontrar seguirei em frente caminhando a procurar[...] (Elomar Figueira Mello, "Cavaleiro do São Joaquim")

Este capítulo consiste na amarração da pesquisa e uma sinalização dos caminhos que ainda pretendemos procurar.

No capítulo 1, *O Sertão em mim, a cantiga do boi encantado, de Brumado ao Pancadão*, compartilhamos um pequeno trecho da minha história, de como a experiência vivida na relação com a terra e com a família apresentam imagens de humanização e memorias de um sertão que educa. As vivências do tempo em que eu era menino atento ao que meu tio ouvia, como Elomar eLuiz Gonzaga, e como sentia essa influência familiar despertar a sensibilidade de apreciar o sertão, de ouvir as histórias do meu povo, e enaltecer essa cultura regionalizada que educa e humaniza foram os primeiros passos que me conduziram até a realização dessa pesquisa.

Ao falarmos sobre *Arte, Música, Cultura Regionalizada*, dialogamos como a primeira pode libertar e emancipar, mas pode servir como instrumento de opressão e alienação. Sobre a música, frisamos a sua função em nossa sociedade, tendo em vista ser uma das artes mais accessíveis, sendo consumida entre diversos tipos de cultura, faixas etárias e por indivíduos que fazem parte de distintas classes sociais. Nesse sentido, desenvolvemos a pesquisa com jovens do ensino médio que experienciaram o contato com elementos da cultura local e que apontaram aspectos formativos de uma cultura regionalizada.

No tópico *a Função Cultural e Educativa da Escola* apresentamos como a cultura transmite aos sujeitos valores e formas de comportamento, aproximando-os de sua história para compreender sua cultura. Na perspectiva educacional vimos que a escola cumpre sua função de socialização quando os indivíduos crescem e se desenvolvem, absorvendo os valores transmitidos pela cultura regional em que estão inseridos. Nesse sentido, identificamos como a arte elomariana educa no sentido de humanizar os sujeitos, uma vez que a sua obra apresenta o sertão como espaço de beleza, religiosidade, sobrevivência, amor e saudade. Todos esses elementos sensibilizam os sentidos, humanizam os sujeitos e educam.

Fechamos o capítulo 1 com o tópico *Indústria Cultural e Formação Humana*, escolhemos um caminho mediado por dois autores, – Arendt e Benjamin - a fim de compreender a relação entre a indústria cultural e formação humana por assim entender que em suas inquietações teóricas é analisada a forma como a sociedade capitalista contemporânea determina as condições de dominação que se perpetuam.

No capítulo referente à análise de resultados, no tópico *O Sertão, Memória e Oralidade* aprendemos que um nível mais aprofundado de cultura pode ser alcançado sem mesmo ter acesso à alfabetização. Exemplo são os casos das narradoras de memórias (Patativa do Assaré), os repentistas, os cordelistas, entre outros exemplos de culturas memoriais. Nos atentamos a Elomar por ser um cantador que dá voz aos contadores das memórias sertanezas.

Na parte Dos *Confins do Sertão: O Violeiro Elomar e os Aspectos da Humanização presentes nas suas obras,* apresentamos a obra elomariana e como ela se desdobra em valores estéticos e morais ao resgatar histórias de uma cultura sertaneza que fala da natureza, das festas populares, do folclore regional, da religiosidade, e, claro, questões sociais, como a seca, a fome e os retirantes. As dez canções que foram analisadas retratam, antes de tudo, a condição humana, a vida, a morte, o sofrimento, a esperança e o amor. Essa experiência é a oportunidade que o professor pode ter com os seus alunos a fim ajudá-los a se desvincular dos modismos e culto às nulidades.

Para fechar a amarração em *Questionando o Malungos*, organizamos dois questionários, o primeiro com 23 questões, com o propósito de estabelecer um contato inicial com que a turma do 2º ano do ensino médio e o segundo questionário com 3 questões discursivas. Essas questões possibilitaram conhecer a história de vida dos alunos e identificar através das suas memórias mais antigas o repertório cultural que foi transmitido pela família. Além disso, percebemos que os jovens identificam nas criações da indústria cultural os elementos que influenciam os sentidos, a sua existência e a sua relação com o mundo. E por último identificamos que a aproximação dos jovens com a cultura regionalizada educa no sentido de humanizar os sujeitos. Concluímos que essa experiência com elementos da cultura regional presentes na obra de Elomar apontam aspectos formativos de uma cultura regionalizada, bem como as resistências disparadas no contexto da pesquisa-ação.

4.1 PEDAGOGIA SERTANEZA

Sinto que floresci
Na direção do sertão
E do povo sertanês

Sinto que cresci
Na direção do coração
E da alma sertânica

Sinto que aprendi
Na direção da cultura
E da pedagogia sertaneza

Lincoln Lafitte, 28 de fevereiro de 2021.

Sobre os caminhos que ainda pretendemos procurar, com certeza está na dimensão da *Pedagogia Sertaneza.* A pesquisa continua...

Caminhando eu vou
Nesta estrada sem fim
Levando meu mocó de saudade e esperanças
Que a vida juntou pra mim
E no peito uma dor sem fim [...]

(Das barrancas do rio gavião, 1973; Cavaleiro do São Joaquim, Mello)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Sociologia.* Editora Ática, São Paulo, 1986.

ADORNO, Theodor. Indústria Cultural e Sociedade. 5. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.

ARANHA, Maria L. de A. e MARTINS, Maria H. P. Filosofando: introdução à filosofia. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. Temas de filosofia. São Paulo: Moderna, 2005.

ARENDT, H. A crise da cultura: sua importância social e política, IN: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

ARENDT, H. The human condition. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

ARENDT, Hannah (2001). *Poder e violência*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, pp. 81-94.

ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ARRUDA, Baliza Áurea de Mello. Memória: O Anjo da História. In: FECHINE, Ingrid e SEVERO, Ione (orgs.). **Cultura popular: nas teias da memória.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

ASSIS, F. **Indústria cultural: mercantilização e empobrecimento do ser humano**. 28 nov. 2012. Disponível em:<http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=2442> Acessado em: 07 out. 2018

BARROS, J. M. et al. **Diversidade Cultural: da proteção à promoção**. São Paulo: Autêntica, 2008.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica (1955).** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1696, p. 1-2.

BENJAMIN, W. Charles Baudeleire: um lírico no auge do capitalismo: obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 123-128. (Obras Escolhidas v. 1).

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção:** uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4º edição. São Paulo: Cortez, 2000.

CESTARI, L. A. S. (2011). Individualidade e formação humana: argumentos sem favor da educação como um campo próprio de saber. Universidade Federal de Pernambuco.

COMPOSIÇÕES ENTRE SERTÕES E CHAPADAS / Organização de Ester Maria de Figueiredo Souza. – Salvador: ALBA, 2018. 86p.

DUARTE, N.; MARTINS, L. M. **As contribuições de Aleksei Nikolaevich Leontiev para o entendimento da relação entre educação e cultura em tempos de relativismo pós-moderno..** In: Ferro, O. M. R.; Lopes, Z. A. (Org.). Educação e Cultura: lições históricas do universo pantaneiro. 01ed.Campo Grande-MS: UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2013, v. 01, p. 49-74

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação.** 2000. Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2019.

FERREIRA, Gilmar Leite. Corpo e Poesia: para uma educação dos sentidos. (2007-2010) 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

FERREIRA, G. L. **O Sertão educa**. (2013) 163f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14427/1/GilmarLF_TESE.pdf> Acesso em: 05 out. 2018

FIORIN, J. L. Linguagem e Ideologia. São Paulo: Ed. Ática, 2007.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte.** 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 254 p.

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 1980.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, José Roberto. Eureka: construindo cidadãos reflexivos / José Roberto Garcia, Valdecir da Conceição Veloso. – Florianópolis: Sophos, 2011. 198 p.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: EDUNESP, 1991.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

Vitória da Conquista, 2008. 296p.:il.

Mello, Elomar Figueira. Vida e carreira. Depoimento e Aramis Millarch, digitalizado em arquivo de áudio (3 horas e 6 minutos). Circa 1980. Disponível em: http://www.millarch.org/audio/elomar-figueira-mello. Acesso em 26 jan. 2021.
MOREIRA, Daniel Augusto. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOURA, Gilson. O Menestrel da Caatinga. Jornal Fifó, Vitória da Conquista, ano 1, n. 0, 11 out. 1977a,p.4.

PEDROSO, S. F. **A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira**. Campinas, 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Dissertacoes/disserta_181_200/Sergio_Flores_Pedroso.pdf > Acesso em: 05 out. 2018

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. In: *Movimento & percepção*. v. 5, n. 6,Espírito Santo do Pinhal, São Paulo: jan/jun. 2005, 81p.

SILVA, D. R. **Adorno e a Indústria Cultural**, UEM, Maringá, n. 4, maio 2002. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br//04fil_silva.htm>.

SILVA, F. (2010). **A importância da poesia para o ensino de literatura: um olhar sobre a poética de Mário Quintana**. Universidade Estadual da Paraíba. Disponível em: < http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/bf918920581e872588538337ef8200ee_167_106_.pdf> Acesso em: 10 out. 2018
THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez,1985.

6. APÊNDICE

O *questionário 1* e 2 tem por finalidade o mapeamento do perfil da turma do 2º ano do ensino médio e o contexto de vida familiar.

6.1 QUESTIONÁRIO 1

Olá, o meu nome é Lincoln Lafitte, sou professor do Colégio Paulo VI, e estou realizando uma pesquisa sobre Cultura / Cultura Regionalizada. Você poderia me responder a algumas perguntas? Gostaria de esclarecer que os resultados desta pesquisa são confidenciais, e em nenhum momento seu nome será mencionado nos resultados.

1. Eu vou ler algumas atividades que as pessoas costumam fazer no tempo livre e gostaria que você dissesse qual o seu grau de interesse em cada uma delas, com base nesta escala do cartão, em que zero significa que você não tem **nenhum** interesse e dez significa que você tem **muito** interesse nessas atividades. Então, qual o seu grau de interesse em:

	0	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**
Ir ao cinema											
Ir a exposições de arte											
Ir ao teatro											
Ir a festas populares e típicas											
Ir a concertos de música clássica											
Ir a shows de música, apresentações musicas.											
Ouvir música											
Participar de saraus de poesia, literários ou musicais.											

2. Em sua opinião qual é o evento cultural mais importante para a cidade de Vitória da Conquista. E em segundo lugar? E em terceiro lugar?

1º Lugar: _____

2º Lugar: _____

3º Lugar: _____

3. E qual o espaço cultural que você mais frequenta na cidade de Vitória da Conquista? E em segundo lugar? E em terceiro lugar?

1º Lugar: _____

2º Lugar: _____

3º Lugar: _____

4. Enumere em 1º, 2º e 3º lugar, quem ou qual pessoa você diria que teve maior influência no gosto que você tem por realizar ou participar de atividades culturais e de lazer?

Os pais	
Familiares, parentes (tios, avós, primos, etc.)	
Os amigos, colegas	
Escola, professores	
Os meios de comunicação (TV, Rádio, Internet)	
A igreja	
Outros (ANOTE)	
Ninguém	

5. Enumere em 1º, 2º e 3º lugar, quais são suas fontes de informação para escolher ou saber sobre os eventos culturais e de lazer, em geral, que estão acontecendo na cidade?

Indicação de amigos, parentes	
Indicação de professores, da escola	
Propaganda / divulgação em outdoor, na rua	
Propaganda – divulgação em rádio	
Por meio das redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, etc.)	
Informações, divulgação na internet	

6. Qual o gênero musical que você prefere, em primeiro lugar? E sem segundo lugar? E em terceiro lugar?

Axé	
Blues	
Country	
Eletrônica	
Forró	
Funk	
Gospel	
Hip Hop	
Jazz	
MPB	
Música Clássica – Erudita	
Pagode	

Pop	
Rap	
Reggae	
Rock	
Samba	
Sertanejo	

7. Qual cantor/cantora ou banda que você mais tem ouvido?

_____

8. Quem mais te influenciou em ouvir esse cantor/cantora ou banda?

Os pais	
Familiares, parentes (tios, avós, primos, etc.)	
Os amigos, colegas	
Escola, professores	
Os meios de comunicação (TV, Rádio, Internet)	
A igreja	
Outros (ANOTE)	
Ninguém	

9. Você considera que a cultura é transmitida de geração a geração, como uma herança social?

Sim ( ) **Não** ( )

Caso tenha marcado sim, responda:

a) Você sabe identificar qual a maior herança cultural que os seus pais/avós transmitiram a você? ( ) **sim** ( ) **não**

10. Utilizando uma escala de zero a 10, em que zero significa que não estimulou em nada e dez que estimulou muito seu interesse por atividades culturais. De 0 a 10, assinale, o quanto você diria que a educação que você teve na escola estimulou seu interesse por atividades culturais?

___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

11. Utilizando uma escala de zero a 10, em que zero significa que não estimulou em nada e dez que estimulou muito seu interesse por atividades culturais. De 0 a 10, assinale, o quanto você diria que os seus professores lhe estimularam a se interessar em estudar sobre temas ligados a cultura?

___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

12. Utilizando uma escala de zero a 10, em que zero significa que não estimulou em nada e dez que estimulou muito seu interesse por atividades culturais. De 0 a 10, assinale, o quanto que as componentes curriculares estimularam o seu interesse em estudar sobre temas ligados a cultura?

Língua Portuguesa: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

Língua Inglesa: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

Arte: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

Educação Física: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

Matemática: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

Geografia: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

História: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

Filosofia: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

Sociologia: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

Física: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

Química: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

Biologia: ___0___1___2___3___4___5___6___7___8___9___10

13. Para você qual a área do conhecimento que mais pode contribuir para estimular o seu interesse sobre a cultura do seu país?

Linguagens e suas tecnologias ( )

Matemática e suas tecnologias ( )

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas ( )

Ciências da Natureza e suas tecnologias ( )

14. Você acredita que a cultura transmite valores educativos

Sim ( ) **Não** ( )

15. Você acredita que a cultura pode contribuir para a formação humana?

Sim ( ) **Não** ( )

16. Você sabe a diferença entre Cultura de Massa, Cultura Popular e Cultura Erudita?

Sim ( ) **Não** ( )

17. Você se identifica mais com qual tipo de cultura?

Cultura de Massa ( )

Cultura Popular ( )

Cultura Erudita ( )

18. Você se interessa pela cultura da sua região?

Sim ( ) **Não** ( )

19. Conhece os principais representantes da cultura de sua região?

Sim ( )

Não ( )

Caso tenha marcado sim, responda:

a) Quem apresentou a você o trabalho desse artista? _____
b) Qual o nome dele (a)? _____
c) Você se interessou pela arte dele (a)? ( ) **sim** ( ) **não**

Caso tenha marcado não, responda:

a) Você não considera importante reconhecer quem são os artistas que representam a cultural local? ( ) **sim** ( ) **não**

20. Em sua opinião os artistas da sua região são valorizados?

Sim ( ) **Não** ( )

21. Algum professor já explicou em sala de aula a importância de estudar a cultural regional? Se sim, de qual disciplina?

Sim ( )_____

Não ( )

22. Qual o sentimento que você tem em relação à cultura da sua região?

Aproximação ( )

Distanciamento ( )

23. Você acredita que a cultura regionalizada é reconhecida e valorizada?

Sim ( ) **Não** ( )

6.2 QUESTIONÁRIO 2

ALUNO:	Nº	DATA:

PROFESSOR: Lincoln Lafitte

TÓPICOS ESTUDADOS

- Cultura e ideologia; Cultura de massa e cultura popular; Contracultura; A comunicação e as redes sociais; A transmissão de cultura pelo processo educativo.

Questionário de Sociologia	II CICLO	Ensino Médio

Olá, o meu nome é Lincoln Lafitte, sou professor do Colégio Paulo VI, e estou realizando uma pesquisa sobre Cultura / Cultura Regionalizada. Você poderia me responder a algumas perguntas? Gostaria de esclarecer que os resultados desta pesquisa são confidenciais, e em nenhum momento seu nome será mencionado nos resultados.

Quais são os objetivos deste questionário?

1) Conhecer a história de vida dos alunos, identificando através das suas memórias mais antigas o repertório cultural familiar; (2) Perceber se os jovens identificam nas criações da indústria cultural, os elementos que influenciam os sentidos, a sua existência, e a sua relação com o mundo; (3) Identificar se a aproximação dos jovens com a cultura regionalizada pode educar no sentido de humanizar os sujeitos.

Questão 1. Olá, meus queridos (as), através desta questão eu quero conhecer um pouco a história de vida de vocês. Através das suas memórias mais antigas, você sabe identificar qual foi o repertório cultural transmitindo pelos seus familiares? O contexto familiar, as influências culturais que vocês herdaram, estão intimamente ligadas ao comportamento atual de vocês?

Questão 2. Leia com atenção a frase que discutimos em uma de nossas aulas de sociologia *"...os meios de comunicação de massa, moldam cada vez mais as ideias e opiniões da sociedade".*

Nesta questão eu quero saber se vocês identificam nas criações da indústria cultural, os elementos que influenciam os sentidos, a sua existência, e a sua relação com outros e com o mundo.

Questão 3. Leia o texto

Ao falarmos sobre a arte, música, cultura regionalizada, dialogamos como a primeira pode libertar, emancipar, mas pode servir como instrumento de opressão e alienação. Sobre a música, frisamos a sua função em nossa sociedade, tendo em vista ser uma das artes mais acessíveis, sendo consumida entre diversos tipos de cultura, faixas etárias e por indivíduos que fazem parte de distintas classes sociais.

Lincoln Lafitte

Com base no texto, responda:

a) Pra você é importante reconhecer e valorizar a cultura da sua região? A cultura regional pode te ajudar a ter uma nova visão de mundo, transformando-o, ampliando-o para o presente e para o futuro? Justifique as respostas.

b) As músicas que você costuma ouvir pode te ajudar a ter uma nova visão de mundo, transformando-o, ampliando-o para o presente e para o futuro? Justifique as respostas.

7. ANEXO

7.1 DISCOGRAFIA DO CAVALEIRO ELOMAR

1968 – O Violeiro/Canção da Catingueira (compacto simples)

1972 – Das Barrancas do Rio Gavião (Phillips)

1979 – Na Quadrada das Águas Perdidas (Marcus Pereira, LP)

1979 – Parcela Malunga (Marcus Pereira, LP)

1981 – Fantasia Leiga para um Rio Seco (Rio do Gavião, LP)

1982 – ConSertão. Um Passeio Musical pelo Brasil (Kuarup, LP)

1983 – Auto da Catingueira (gravadora e editora Rio do Gavião, LP)

1983 – Cartas Catingueiras (gravadora e editora Rio do Gavião, LP)

1984 – Cantoria 1 (Kuarup, LP)

1984 – Cantoria 2 (Kuarup, LP)

1985 – Sertania (Kuarup, LP)

1986 – Dos Confins do Sertão (Trikont, LP)

1988 – Concerto Sertanez (LP)

1989 – Elomar em Concerto (Kuarup, LP)

1992 – Árias Sertânicas (Rio do Gavião, LP)

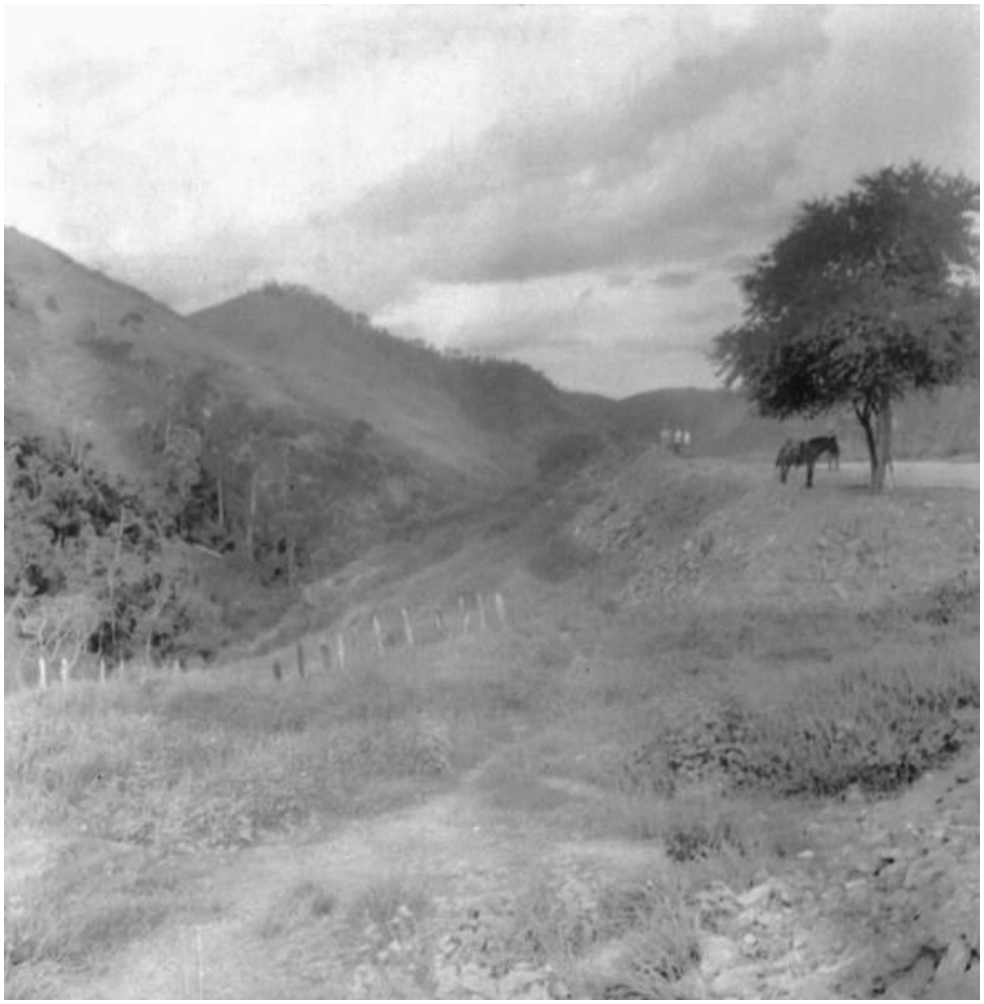
1995 – Cantoria 3 (Kuarup, CD)

7.2 IMAGENS CATINGUEIRAS

- Cidade de Vitória da Conquista – BA.

(Vegetação na margem da estrada para Brumado em Vitória da Conquista (BA) - fev. 1962, Fonte: IBGE)

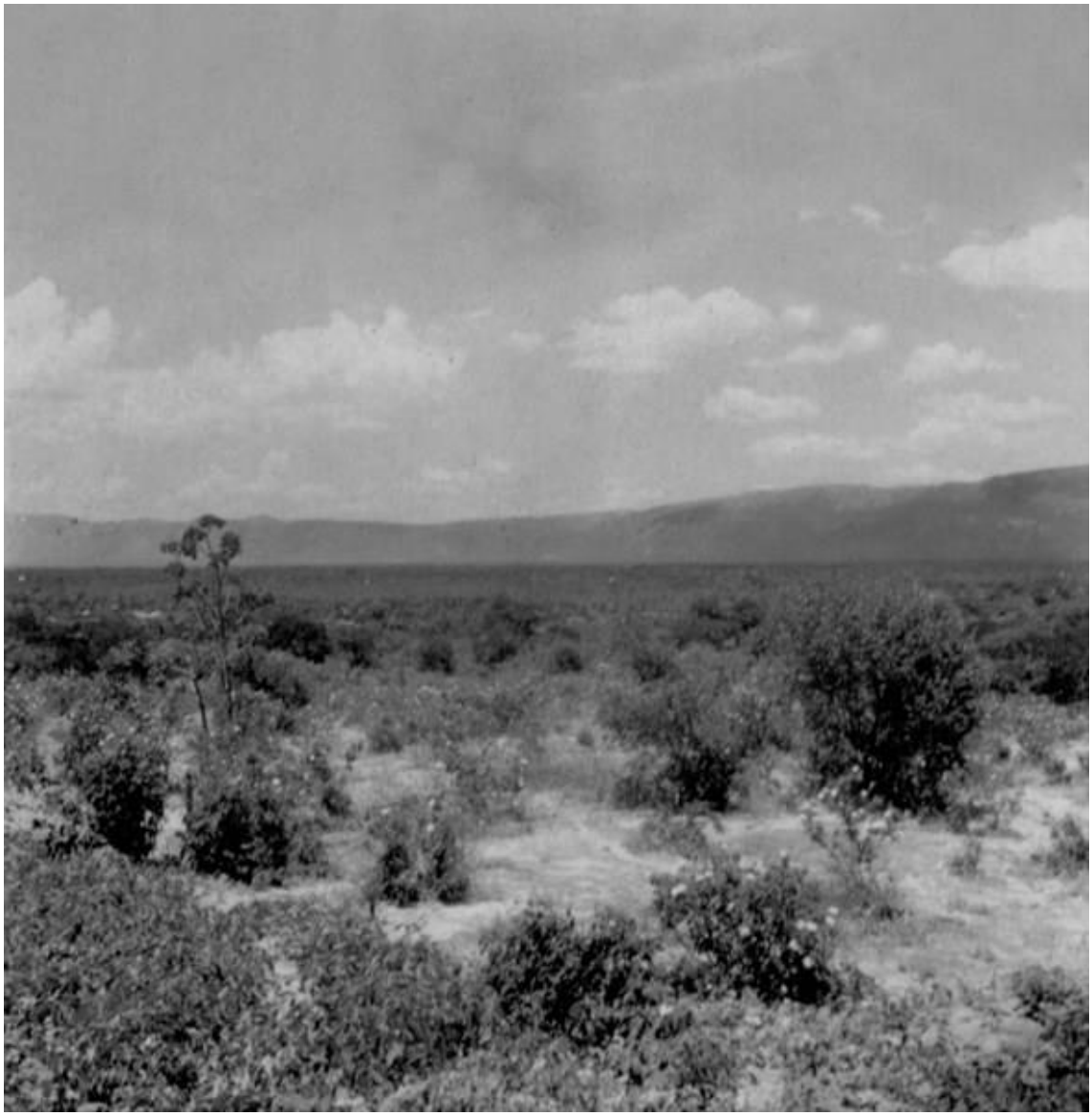
(Vista panorâmica da cidade: Vitória da Conquista, BA – 1957, Fonte: IBGE)



(Serra do Marçal em Vitória da Conquista (BA) – 1962, Fonte: IBGE)

- Cidade de Brumado – BA.

(Cidade de Brumado – BA. Fevereiro de 1962, Fonte: IBGE)



(Serras das Éguas em Brumado – Ba, 1962, Fonte: IBGE)

(Vista panorâmica da cidade: Brumado, BA - [19--], Fonte: IBGE)

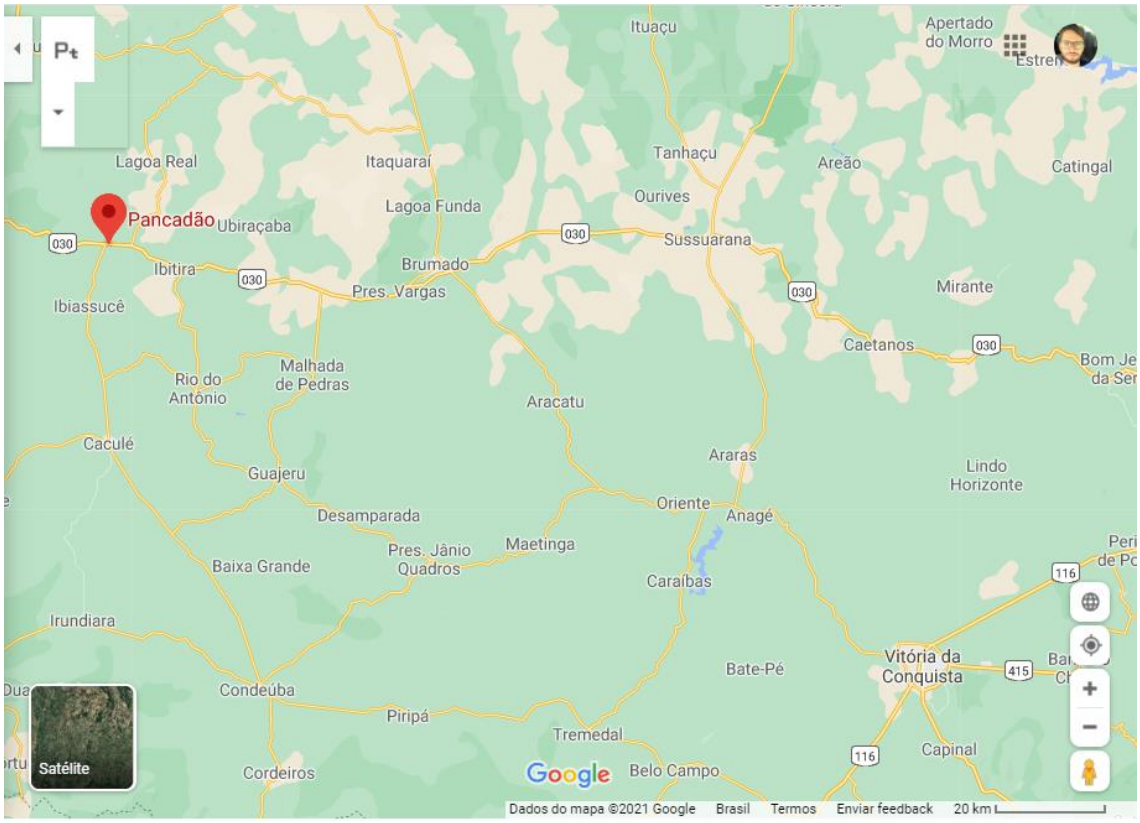
- Cidade de Ibiassucê – BA.

(Tanque para abastecimento de água potável: Ibiassucê, BA - [19--], Fonte: IBGE)

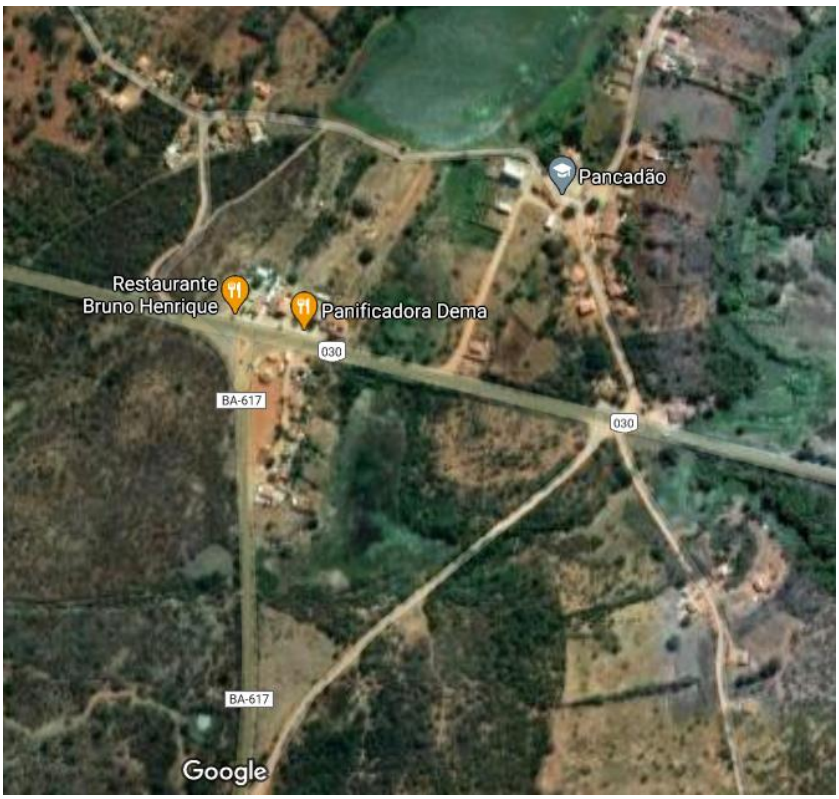
(Igreja de São Sebastião : Ibiassucê, BA - [19--], Fonte: IBGE)

(Vista panorâmica da cidade: Ibiassucê, BA - [19--], Fonte: IBGE)

- Trecho do Pancadão



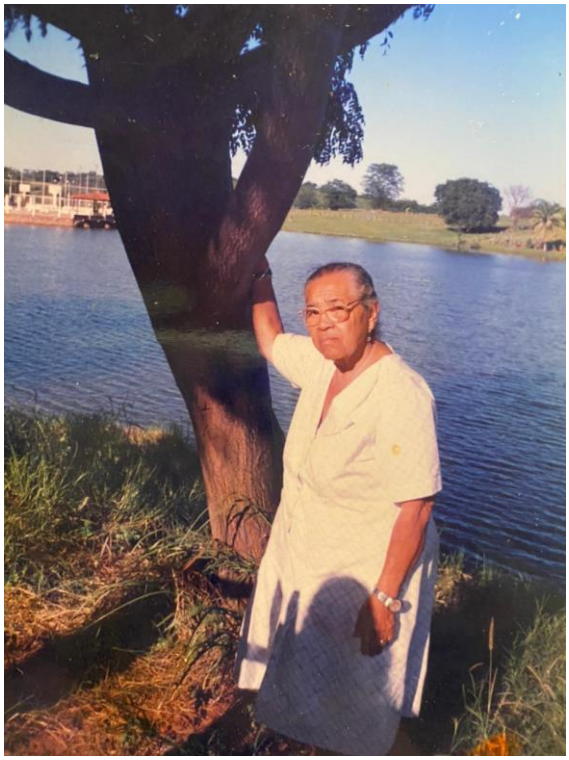
(Maps, Google, imagens 2021, dados do mapa)



(Maps, Google, imagens 2021, dados do mapa)

7.3 DONA BÉ: SERTÃO E MEMÓRIA

(Isabel Prado[12], Dona "Bé", 1916-2004)



(Isabel Prado, Dona "Bé", 1916-2004)

[12] Dia de Santo Antônio, 13 de junho. "Na antiga casa, situada à Praça São Sebastião, acendia a fogueira, rezava a ladainha e depois numa mesa farta, tomava-se quentão, licores, café com biscoitos gostosos, pois Dona Bé era famosa, também, na arte de fazer biscoitos". (CASA DE CULTURA DE IBCE, 13.06.2020).